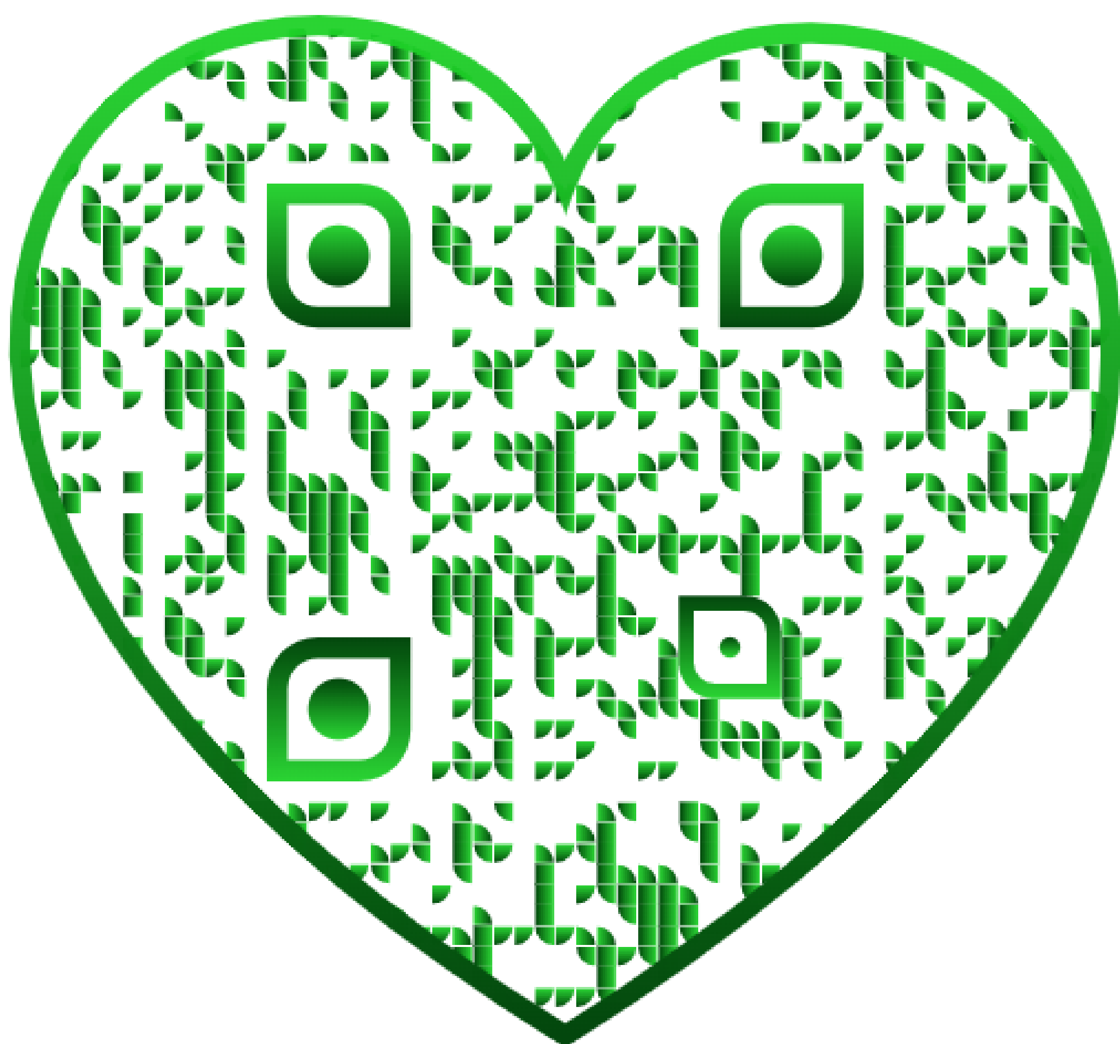
HER ANGEL SERIES

FELICITY HEATON

# Her Dark ANGEL



HER ANGEL SERIES

# Her Dark ANGEL

FELICITY HEATON

# Papyrus

## Traduções de Livros



Tradução: Control Papyrus

Revisão Inicial e Final: Control Papyrus

Formatação: Shadow Hunters

**Qui sait beaucoup ne craint rien.**

"Do muito saber vem o nada a temer"




**UM ANJO SEM UMA MISSÃO,** Apollyon vive preso no inferno guardando o poço do abismo. Cercado pela escuridão infinita, ele sonha em voar livre sobre a Terra uma vez mais, mas seu mestre não o chamou em séculos. Quando o convite finalmente chega, é para servir um novo mestre, uma linda mulher que ele tem freqüentemente vigiado, uma mulher que sempre o cativou.

Serenity fica chocada quando um anjo lindo com asas negras aparece na cidade de Paris, alegando que ela o chamava quando ela tinha apenas lançado um simples feitiço de vingança. Ele é nada menos que o anjo da morte! Quando Apollyon oferece para ajudá-la a se vingar do seu traidor Ex- namorado, ela não consegue resistir à tentação, mas ela pode resistir a ele? Pode um anjo escuro como Apollyon que nunca se apaixonou por uma mulher mortal, gostar dela?

Seus disfarces rápidos como amantes se torna realidade quando uma dança leva a outra e Apollyon prova que ele é tão pecador quanto ele parece. Seu toque sensual e sua fome trouxe Serenity de volta a vida, libertando-a do sofrimento de ser traída e reacendendo sua paixão, mas ela não pode ignorar seu medo crescente. Perdidos em seus momentos juntos, Apollyon percebe que há uma razão para ter ouvido o seu chamado – ele é apaixonado por ela.

Mas será que Serenity ver além das asas e acredita que Apollyon volta com os seus sentimentos e não irá machucá-la? Quando o seu Ex-namorado lhe pedir para perdoá-lo e ficar com ele novamente, ela vai tomar o caminho mais fácil, ou será que ela vai ter a coragem para voar com seu anjo escuro?

Sombrio, apaixonado e erótico. Seu anjo escuro é um conto de um desejo intenso e profundo amor proibido, garantido para obter o seu coração acelerado.





# Capítulo UM

**AS IMAGENS NA PISCINA** luminosa cintilaram os olhos de Apollyon, que passou na velocidade da luz, mas ele poderia ver todas elas, ele poderia trazer para o foco e pausar a qualquer momento para entender o que estava acontecendo na cena. Ele havia assistido os mortais desde que a eternidade começou, tinha visto o mundo mudar e esquecer o seu tipo.

Ninguém acreditava mais em anjos.

E seu mestre não havia o chamado do abismo do inferno, em muitos e longos séculos.

No entanto, Apollyon esperava o convite para vir, fiel e paciente, comprometido com o seu dever, mesmo que os outros ao seu redor escolhessem viver por seus próprios comandos. Muitos de seus companheiros guerreiros haviam amolecido e caído por uma mulher mortal, sua hesitação a devoção e seu compromisso para alterar o seu amor. Ele não faria isso. Ele não tinha interesse nos mortais.

O seu olhar azul escuro disparou em direção a piscina prateada, seguindo a história que estava registrando, parando um momento em uma imagem que lhe interessava. Guerras, mortes, derramamentos de sangue. Era uma coisa que nunca mudava. Um dia, seu mestre o chamaria e a Terra saberia o verdadeiro significado da destruição.

A piscina lançou uma luz clara enquanto ele se agachava perto dela, com os cotovelos apoiados nos joelhos, as mãos balançando na frente dele. O metal de ouro trincado no torresmo negro protegeu suas pernas e os braceletes em torno de seus antebraços capturaram a luz que brilhava.

Com o suspiro, Apollyon deslizou suas poderosas asas com penas negras e se levantou. Ele esticou, fazendo com que o peitoral de sua armadura aumentasse à medida que ele levantava os braços, e depois olhou para o céu negro sem fim em cima dele. O fogo do inferno queimou em suas costas. A sua fumaça encheu a caverna, fazendo-o que ele percorresse para a Terra. Ele era a eternidade desde que saíra do abismo e abrindo suas asas, respirando o ar refrescante e sentindo bater contra ele. Ansiava para voar acima das cidades, novamente, invisível e desconhecido, e falar com os anjos que caminhavam sobre a Terra e observar muitos os mortais.

Ele desejava ser livre do fogo sufocante do inferno.

Apollyon estava prestes a se afastar e a ir à beira do abismo, quando o seu olhar azul pegou algo na piscina. Ele franziu a testa e se agachou novamente. Os longos fios de seu cabelo negro caíram para frente enquanto ele se inclinava sobre a piscina e ficou olhando para a imagem que havia parado diante dele.

Uma mulher solitária.

Muitas vezes ele a viu. Ela gostava de andar sozinha no parque nos dias de hoje e sua expressão estava perturbada, como se ela tivesse um grande peso no seu coração. O que ela estava pensando quando ela olhava assim? O parque não era o único lugar que ele tinha notado. Ele tinha visto ela também indiretamente, andando em uma multidão ou vê-la em uma imagem que lhe interessava e toda vez seu olhar a seguia até ela desaparecer de vista.

Ela ficou olhando para a Torre Eiffel, de costa para ele e a brisa suave pegando o seu vestido vermelho e despenteando seus loiros cabelos longos. Ele não precisava ver o rosto dela para saber que era ela. Nenhum outro mortal o interessava-o como ela.

As rosas emoldurando a visão, apagando muito de suas pernas. Ele inclinou a cabeça para um lado e correu o olhar sobre o que ele podia ver. Ele nunca tinha visto ela vestida assim. Ela sempre usava camadas de roupas no passado, com pernas cobertas e um casaco preto grosso que cobria o seu corpo esguio. As estações do ano passaram tão rapidamente e ele não tinha percebido que era quase Verão na terra. A imagem mudou, com uma visão

panorâmica até a Torre Eiffel e ele queria voltar com ela, até que ele viu o céu azul que se estende acima do topo da Torre.

Apollyon estendeu a mão para a piscina, desesperado para tocar aquele céu e sentir o sol batendo em suas asas quando ele voasse.

A imagem se afastou, substituída por uma sucessão de outras que ele não tinha interesse algum. Era Verão. Ele se levantou e imaginou voar naquele céu azul e como seria emocionante. Ele imaginou toda Paris estendida abaixo dele. Ele nunca tinha estado lá, mas ele conhecia bem a partir das imagens que tinha visto. Qual seria a sensação de ver uma cidade assim?

Como deve ser a mulher em carne e osso?

Ele balançou o pensamente para longe e se lembrou que ele não tinha interesse em mulheres mortais.

Se ele não... Porque seu coração sempre Para quando ele a ver?

Apollyon olhou novamente para piscina e em seguida se afastou dela.

Sua obrigação era para o seu mestre. Ele tinha que permanecer aqui, o responsável pelo abismo, sofrendo o fogo do inferno amargo, até que o seu mestre o chamasse.

Ele riu.

Ninguém ia chamá-lo. Ele ia passar o resto da eternidade preso em seu próprio inferno pessoal.

Uma maldição escura rolava de sua língua e um ruído como um trovão retumbou a distância.

Um sentimento familiar construiu dentro dele, uma sensação de que alguém estava falando o seu nome. Ele ouviu, tentando ouvir a voz de seu mestre, tentando saber qual seria a pessoa que o chamou. Não estava claro.

Ele sentiu o chamado, mas não conseguiu discernir onde ele estava vindo.

Apollyon pegou sua espada, afivelou a bainha até a sua cintura, e não esperou o chamar novamente. Esta era a sua chance de escapar do inferno, e ele iria. Seu mestre o estava chamando de algum lugar. Ele tinha uma missão novamente no passado.

Ele abriu suas asas e com uma batida forte levantou no ar. O vento soprava-lhe a fumaça escura para trás e eles levantaram-se mais e mais, até chegar ao teto de sua prisão e esticou a mão até ele. A pedra negra separou antes dele e ele se virou e voou para cima tão rápido que ele podia ver uma fenda do céu azul em cima dele. Centenas de rochas passavam por ele a uma velocidade embaçada e ele finalmente estava no ar fresco. Ele disparou para cima, suas asas negras batendo furiosamente contra o ar quente e não parou até chegar às nuvens.

Apollyon pairou ali, lançando seus olhos azuis escuros sobre o mundo a seus pés, o vento frio soprava através de seus longos cabelos negro. Era tão bonito quanto ele lembrava, mais ainda em realidade. A cidade dos mortais o fascinava. Ele voou baixo, em busca de sua missão e de ouvir o chamado do seu mestre. Qual é o seu desejo? Apollyon faria qualquer coisa para o seu mestre. Ele tinha destruído muitas cidades no seu nome e lançado muitos pecadores para o abismo. Ele ainda tinha lutado com o Diabo e o derrotado.

Ele franziu a testa quando viu a cidade.

Paris.

O desejo de ir para a Torre Eiffel e encontrar a mulher mortal era forte, mas ele resistiu e voou sobre a cidade, tentando encontrar o seu mestre. O chamado estava mais silencioso agora e difícil de localizar. Ele queimava em seu interior, implacável e impelia a pesquisa, mesmo quando ele estava começando a se perguntar quando ele estaria buscando para sempre e se isso era apenas uma piada cruel, porque ele tinha amaldiçoado.

O Diabo faria tal coisa desprezível como essa. Ele tinha uma voz forte e podia jogar bem. Ele prometeu a Apollyon que ele iria pagar por todas as vezes que ele o lançou de volta ao inferno.

Apollyon voava baixo sem esforço, cortando o ar mais quente, deliciando-se em uma sensação de cócegas nas suas asas negras que lavava a sua pele. Virando, ele mergulhou em uma rua lateral, deslizando baixo sobre as cabeças dos mortais, causando uma rajada de vento contra eles. Ele sorriu, quando eles gritaram e agarraram suas roupas para mantê-las no lugar. Era errado ter prazer infantil de fazer tais coisas, mas todos os anjos tinham uma tendência abusiva de usar o seu glamour.

Uma batida forte de suas asas e ele estava subindo novamente. Ele pousou na beira de um telhado de um edifício antigo de pedra clara e olhou por toda a cidade em direção a Torre

Eiffel. Ele se lançou ao céu claro, cercado pelo verde exuberante na base. Ele estava prestes a voar para lá, quando sentiu que alguém estava falando o nome dele.

Apollyon focou, franzindo a testa enquanto tentava discernir a direção que vinha. Seu olhar disparou de volta a Torre Eiffel. *Lá?*

Ele correu até a borda do edifício e pulou, esperando até ele ficar perto a laje da praça abaixo antes de deslizar suas asas e batê-las, chegando rapidamente a praça a poucos metros acima do chão. Parando sobre um banco coberto de ervas daninhas. O rio estava na frente e, além disso, a Torre Eiffel. Ele voou direto para lá, quando de repente parou abrupto no ar quando ouviu o chamado novamente. Foi atrás dele.

Ele olhou para as pessoas abaixo. Estava seu mestre lá, entre eles, chamando-lhe?

Seu mestre tinha vários disfarces. Os olhos de Apollyon dispararam sobre os mortais, parando em cada rosto por apenas um segundo. Nenhum deles correspondia à forma como ele se lembrava do seu mestre.

O chamado veio mais claro desta vez, batendo em seu coração.

O seu olhar disparou na direção em que tinha vindo e ele arregalou os olhos.

Ela?

Uma mulher mortal de cabelos louros estava ao lado de uma das fontes abaixo, de costas para ele e uma brisa morna brincando com a bainha curta do vestido vermelho escuro. Os jatos de água das fontes pulverizaram alto, o vento pegando as gotas e se fixando sobre sua pele quando fundiu na direção dele.

Apollyon franziu a testa.

Tinha que ser obra do Diabo.

Ele tinha estado a observando, havia amaldiçoado, e então ela o havia chamado. Isso era ridículo. Nenhum mortal tinha o poder de chamar um anjo, e ele não tinha um mestre diferente desde que começou a eternidade e os anjos haviam feito um pacto com ele.

Cautelosamente, Apollyon desceu, aproximou dela, pairando nu a metros acima de sua cabeça. Ela tinha o chamado?

Ela levantou a mão ao rosto e ele permaneceu que... Ele não podia ver o que ela estava fazendo. Seus ombros chocalhavam e uma onda de tristeza e raiva tomou conta dele. Ela estava sofrendo.

Ele pousou a meio caminho ao longo da ponte sobre o rio atrás dela e não saiu de seu glamour, mudando a sua aparência como assim o fez. Suas asas não queriam desaparecer e ele tomou vários passos na direção dela antes de ter certeza que os mortais não pudessem ver e que o seu glamour estava caindo. Ele trocou de roupa, substituindo a sua armadura por um terno preto fino, com uma camisa preta e uma gravata azul escuro, e depois colocou seus longos cabelos para trás e amarrou à nuca em um rabo de cavalo.

Finalmente, ele baixou o glamour que o fazia invisível para os olhos mortais e caminhou casualmente na direção dela. Ele tomou o lenço azul de seu bolso, se aproximando por trás dela, e hesitou por um momento antes de tocar em seu ombro.

— Você está bem? — Disse ele em francês, na esperança de ter falado o idioma correto e as palavras certas. Ele não falava com ninguém há muito tempo e embora soubesse línguas modernas, nunca era utilizado.

Ela tocou o seu rosto novamente, seu longo cabelo loiro uma espécie de cortina que ele não podia ver mais além, e cheirou. Quando ela se virou para ele, ela estava sorrindo. Seu olhar castanhos iluminado sobre o lenço oferecido a princípio e depois, lentamente olhou em direção para o seu braço, seu peito e, em seguida, em direção ao seu rosto. Ela era mais bonita pessoalmente, seus traços leves e seus redondos olhos. Ela poderia ser um anjo. Ele não havia percebido o quanto ela era pequena. Ela era, pelo menos, uma cabeça a menos, e delicada também.

No momento que seu olhar encontrou o dele, sua expressão mudou. Sua mão parou antes de pegar o lenço e os seus olhos se encheram de horror.

Apollyon franziu a testa, olhou para o lenço, e depois andou atrás dela.

Ela olhou por cima do ombro, e sua pulsação acelerou. Foi fácil fechar a abertura entre eles. Suas passadas eram mais longas que as dela e suas pequenas sandálias de saltos altos não eram claramente feitas para uma corrida.

— Deixe-me em paz.

*Por que ela estava correndo?*

As pessoas estavam olhando, murmurando entre si. Ela estava fazendo uma cena e ele não estava completamente certo do por que.

— Fique longe de mim! — Ela se virou para ele e depois se afastou, o medo ainda brilhava em seus olhos. Eles escureceram quando ela franziu a testa e pronunciando uma maldição.

— Abaddon[1].

Ele não tinha ouvido esse nome há muito tempo.

Ela sabia que ele era um anjo.

Como? Será que seu glamour havia falhado? Foi há milênios, desde que ele tinha lançado um. Ele olhou ao seu redor para os mortais assistindo. Nenhum deles parecia com medo. Se eles pudessem ver um anjo como ela podia, eles estariam reagindo da mesma forma que ela estava. As pessoas estariam gritando de que o Apocalipse estava próximo e o mundo ia acabar. Ele estaria com sérios problemas com o seu mestre.

Ele lembrou que ela o havia chamado. Ela poderia ver através do glamour? Ela seria de alguma forma diferente dos outros mortais?

— Eu não quero morrer, — ela murmurou sob a sua respiração sem fôlego e lançou um olhar temeroso em sua direção.

Isso não estava acontecendo como ele esperava. Ela não deveria supostamente ter sido capaz de ver que ele era um anjo. Ela deveria ter aceitado sua oferta, uma espécie de lenço para secar as lágrimas e contar a ele o porquê ela estava chorando, então ele saberia o que ele estava fazendo aqui. E se alguém estava aplicando um truque nele.

As lágrimas derramadas pelo seu rosto e ela envolveu seus braços em volta de si, tornando-se pequena e fazendo com que ele desejasse se aproximar dela e de alguma forma aliviar o seu sofrimento. Seja qual for a dor que havia lhe causado a chorar, isso ainda era forte no seu coração, atormentando-a. Ele podia sentir isso. Havia algum tipo de conexão com ela que lhe deu a introspecção em seus sentimentos, uma sensação de que ela precisava dele e que eles supostamente deveriam ter se encontrado hoje aqui.

Isso era ridículo.

---

[1] *Abaddon - um termo hebraico que tem o significado de "destruição". Na Bíblia, figura no livro de Jó (26,6) e no livro do Apocalipse (9, 11).

Um mortal jamais poderia chamá-lo. Eles não tinham à voz.

Ele havia estado sozinho por muito tempo e estava sonhando tudo isso, vendo as coisas como ele queria e não com os olhos claramente.

Havia uma maneira de descobrir se ela o tinha chamado de alguma forma. Ele tinha a esperança de descobrir através de uma conversa casual, mas que, não era uma opção agora. Era a hora de uma abordagem mais direta.

Ele andou na sua direção e ela se afastou novamente, levantando as duas mãos numa forma de detenção, como se aquele gesto apenas pudesse detê-lo caso ele quisesse chegar mais perto.

— Por favor, — ela murmurou e sacudiu a cabeça, enviando mais lágrimas que caiam pelo rosto pálido dela.

— A deixe em paz. — Um homem forte iniciou em sua direção.

Apollyon perdeu a paciência e lançou a sua mão para fora, balançando através da multidão. — Não há nada de interessante para ver aqui.

Suas manifestações acalmaram-se e eles se moveram como se fossem um só, à deriva e voltando para suas próprias vidas, passando por ele e pela mulher mortal, como se eles não estivessem ali.

— Oh meu Deus, você realmente vai me matar.

Ele franziu a testa para ela. — Porque você diz uma coisa dessas?

— É o que você faz. — Havia uma acusação em seu tom e uma pitada de coragem.

*A coragem no rosto da morte?*

Um momento atrás, ela havia fugido dele e agora ela parecia pronta para lutar.

— Não tenho feito isso faz um bom tempo. — Ele suspirou. Ele nunca ia abandonar isso. Dedique-se alguns séculos, como o anjo da morte e ninguém esquece. Todo mundo presume que você está encarregado de levar o último suspiro da vida dos mortais. Ainda assim, era melhor do que o outro boato de que ele era o Diabo.

— Há uma frota de anjos que pode fazer isso agora.

Ela olhou como se não acreditasse nele. Suas mãos tremiam.

— Eu não pedi para os meus poderes. Por favor, não me leve até lá.

— Onde? — Sua paciência estava se esgotando novamente e ele não conseguiu obter uma resposta a sua pergunta. Ele rastreou de volta sobre o que ela tinha dito.

*Poderes?*

— Todos os fogos do inferno estão em seu rastro... Eu não quero ir para lá, eu não fiz nada de errado.

Apollyon olhou para trás. Tudo o que ele podia ver era Paris. A extremidade da ponte de pedra e o sombrio rio, e a cidade mais além.

— Você é talentoso. — Ele olhou para ela, profundamente em seus olhos castanhos. Ela assentiu com a cabeça. Foi assim que ela o havia chamado? Ele franziu a testa e olhou para as fontes do outro lado da ponte para trás e depois para ela. — O que você estava fazendo lá?

Ela desviou o olhar, piscou algumas vezes e, em seguida levantou as sobrancelhas. — Nada realmente. Contemplando a vida, eu acho, e como era uma merda.

— Você não pediu algo? Ele aproximou-se dela e desta vez ela não recuou. Ela ficou olhando para a fonte com os olhos arregalados. Lágrimas alinhadas nos seus cílios escuros. Todo o seu medo desapareceu e a dor voltou. Ela apertou as mãos junto ao peito, e ele sentiu a dor dentro dela também, inundando o seu.

— Vingança, — ela sussurrou e seu olhar disparou para ele. — Eu pedi por uma vingança contra o bastardo que me traiu.

*Traidor? Pecador?*

Ela havia chamado por vingança e ele tinha a ouvidoela falar, e ele se sentiu obrigado a responder e aceitar a sua missão. Ele não podia. Ajudando ela, iria romper o que há entre ele e o seu mestre.

Apollyon olhou para ela, estudando a sua beleza pálida.

Ela o chamou e ele veio. Ela era o seu mestre agora. Ele aceitou a missão e assinou o contrato a partir do momento em que ele havia deixado o inferno.

Ele iria entrar em vários problemas por isso.

Havia muito tempo desde que ele tinha estado na Terra, e embora os anjos, que vigiavam os mortais atualmente toleravam os pecados antigos e só levava em conta na hora da morte, em vez de punir o pecador durante a sua vida, ele odiava alguns deles por conta disso.

*Infidelidade em particular.*

— Você realmente está aqui para me matar?

Apollyon sorriu e uma pitada de cor tocou o seu rosto. — Você me chamou e eu vim a você, não para tirar a sua vida, mas para aliviar o seu sofrimento.

Ela engoliu em seco e parecia que ela estivesse negando que estava com dor. Apollyon se aproximou dela e tocou o seu rosto. Sua pele era quente, macia, e ela se sentiu bem debaixo dos seus dedos. Ele acariciou o seu rosto, colocou os dedos sob o queixo e erguer seus olhos para ele.

— Tudo o que ele fez com você, eu vou fazê-lo sofrer por isso, mas nenhum homem vale as suas lágrimas. Seu coração vai se curar com o tempo e você vai amar de novo.

Seus olhos castanhos procuraram os seus.

Apollyon olhou profundamente para eles, sentindo um calor estranho ao longo de sua mão, onde as pontas dos seus dedos tocaram no rosto dela. E perseguiu através dele, e finalmente se instalou em seu peito, queimando lá, mexendo os sentimentos que ele tinha esquecido há muito tempo.

— Eu vou dar-lhe a vingança que você procura.

Aquelas palavras estavam distantes para os seus ouvidos, embora emitidos a partir dos seus lábios.

Ele estava perdido em seus olhos, no jeito que ela estava olhando para ele com tanto calor.

Era a gratidão que a fazia parecer dessa maneira?

Ou era outra coisa?

— Você é uma deusa? — Ele sussurrou, tentando manter os pensamentos no caminho certo e em sua missão.

Ela balançou a cabeça, movendo seus dedos com ela, e lambeu os lábios. Ele cometeu o erro de olhar para eles, vendo a ponta suave de sua língua varrer para fora, sobre eles. Um

surto de fome varreu-o e ele afastou a mão, chocado com a força de seu desejo e da rapidez do mesmo.

— Eu sou uma bruxa, — ela disse, de fato, com um encolher de seus pequenos ombros.

Apollyon olhou para ela. Estaria ele cometendo um erro terrível por ajudá-la? Uma parte dele disse para fugir agora antes que fosse tarde demais e que ele ficou muito envolvido com ela.

Ele não podia ainda.

Ela tinha lançado um feitiço sobre ele.

E ele era o escravo dela.







**OS OLHOS CASTANHOS** de Serenity se arregalaram e ela deu um passo atrás quando a massa musculosa humana diante dela puxava a espada que pendia em sua cintura, com medo de que ele tinha mudado de idéia e ia matá-la depois de tudo. Ela não sabia o que pensar quando ele colocou sobre em um dos joelhos na frente dela, abaixou a cabeça, e segurou sua espada para por ela, o cabo e a ponta da lâmina bonita, descansava sobre as palmas das suas mãos.

— Eu estou às ordens. — Seu francês era perfeito, fazendo sua voz grave tão sexy que um arrepio tropeçava sempre na sua pele quando ele falava.

Ela deveria fazer alguma coisa?

As pessoas estavam olhando mais uma vez quando eles passaram. O que eles viam? Eles certamente não estavam vendo um homem oferecendo uma espada para ela, que estava com certeza. Para eles, era como se ele estivesse de joelhos com as mãos levantadas numa súplica?

Ele estava vestido com uma armadura negra com dourado que isso não deixava muito para a imaginação?

Será que ele tem enormes asas de penas negras?

Ela imaginou que ele não tinha. Se ele tivesse as pessoas provavelmente iriam sair gritando e não apenas olhando para ele como se houvessem enlouquecido.

— Humm, Certo. — Serenity hesitou antes de tocar a espada. O aço reluzente era frio sob seus dedos. Ela levou sua mão para longe, não gostando da sensação. — Obrigada.

Ele estava agradecido, seus músculos mudando sobre sua pele dourada, e ela tentou não olhar para seu físico. Ou ele malhou muito, ou os anjos eram naturalmente dotados com um corpo de um Deus. Ele era a perfeição pura como ele estava perto dela, seu peito largo subindo e descendo, movendo-se o peitoral lindamente decorado em preto. Seu estômago estava nu, seus músculos tensos deliciando os olhos famintos dela e a menor tanga preta do mundo protegia sua modéstia.

Ela queria caminhar ao seu redor e investigar cada centímetro delicioso dele, considerando que ele realmente é um anjo e não um homem desfilando como um.

Um anjo.

Abaddon.

Sua mãe havia lhe ensinado sobre Deus, Deuses e mitologia. Ela sabia tudo sobre ele e sua espécie.

Seus olhos finalmente voltaram para seu rosto. Ele tinha um sorriso que poderia parar o coração e vivos olhos azuis com manchas de gelo neles. Eles mantiveram o olhar nela, firme e forte, e sua temperatura subiu quando eles estreitaram-se ligeiramente e suas pupilas aumentaram. O que ele estava pensando sobre isso?

Será que ele gostou do que viu, tanto quanto ela gostou?

O homem era um Deus.

Não um anjo.

E ele era lindo.

De tirar o fôlego.

Mas ele não era nada do que ela pensava que um anjo seria. Tudo sobre ele falava das Trevas, até a sua aura. Seja qual for o poder que ele tinha, ele era forte e não era o tipo que ressuscitava mortais ou os curava. Parecia como se o oposto aconteceria se ele permitisse.

Abaddon. O anjo da morte. Embora tivesse negado esse título.

Que título ele reivindica como seu, então?

— Então Abaddon...

— Apollyon, — ele interrompeu com um sorriso encantador que provocava seus lábios sensuais e fez seu coração bater mais rápido.

Ele era um anjo. Não importa quão bom ele parecia e quanto ele estava a fazendoela esquecer a sua dor só de olhar para ele, ela não podia pensar nele assim. Era um erro dela. Ele tinha oferecido ajuda na obtenção de vingança contra o bastardo do Ex-namorado e ela estava indo para levá-lo. Seja qual for o poder escuro que esse lindo homem tinha, ela estava indo para romper na direção do seu Ex.

— Apollyon? — Ela deixou o seu olhar cair sobre ele novamente. Se ela disser para ele colocar algo menos incômodo, ele seria capaz de fazer? Ela tinha visto através de qualquer feitiço que ele tinha usado. Ele poderia enganar seus olhos?

— Eu prefiro o meu nome verdadeiro. — Ele lançou um olhar rápido sobre ela. Seus olhos pousaram em todos os lugares que um homem mortal faria.

Certamente, ela estava fora dos limites também? Anjos eram assexuais não eram?

A voz no fundo da sua mente, disse que o galã alto lindo em pé na sua frente definitivamente não parecia assexuado. Ele parecia um pecado encarnado, não como um anjo, em entanto.

— Serenity. — Ela ofereceu a mão.

Ele levou um choque que varreu através dele ao sentir sua mão forte segurando a dela. Ela apertou sua mão, mas ele não a soltou quando ela foi realizar. Ele segurou-a com o seu polegar tocando suavemente contra a dela.

— Minha mãe pensou que eu poderia trazer a paz a um mundo caótico. — Seu coração acelerou quando seu polegar roçou o dela, e então ele levou sua mão para trás, seus dedos escovando sua mão e enviando outro arrepio através dela. — Eu não sou muito boa nisso.

— Em que? — Ele contorceu uma sobrancelha escura e inclinou a cabeça para o lado.

Serenity suspirou. Ele sabia o quão bom ele parecia? Poderia ser um anjo convencido? Ela supôs que eles eram todos lindos, então ele provavelmente não percebeu que a razão pela

qual todas as mulheres estavam olhando enquanto eles passavam não era porque achava que ele iria me prender ou qualquer coisa do tipo.

Elas estavam olhando pela mesma razão que ela.

O homem era seis metros de divindade.

— Ser pacífica... Eu sou realmente muito caótica. — Ela deu de ombros. — Nada do que eu faço dá certo. Quero dizer... Eu pensei que eu estava lançando um feitiço simples de vingança e de repente você está aqui me dizendo que você me ouviu o chamando. Eu não estava pedindo por um anjo.

— Você não estava. — Ele colocou sua mão contra o seu peito e ela pulou. Sua pulsação disparou e ela corou da cabeça aos pés com a sensação da sua mão contra seus seios. — Seu coração me chamou, e não suas palavras.

Serenity sorriu e o nervosismo tomou conta, que retirou a sua mão do seu peito antes que ela perdesse o controle e pulasse contra ele.

— Então, você está bem com a vingança?

— Muito bem com isso. — Ele ficou mais alto, endireitando a sua coluna, parecendo mais nobre e bonito. — Eu sou Apollyon, o grande destruidor, o rei do poço sem fundo...

— Espere. — Ela o interrompeu e segurou suas mãos para cima. — Grande destruidor? Talvez isso não seja uma boa idéia. Você é um anjo e seu mestre provavelmente ficaria um pouco furioso se você explodisse metade de Paris, para cumprir meu desejo de vingança. E eu não o quero morto... Simplesmente com dor... E eu realmente posso cuidar disso sozinha. Eu não queria incomodá-lo.

— Isso é um pouco incômodo. — Ele franziu a testa. — Só vou fazer o que você pediu. A escolha de vingança é sua e eu vou fazer exatamente isso.

— E o seu mestre? — Ela não queria irritar o Deus desligado. Ela tinha certeza que ele estava bastante irritado por pessoas como ela existir na Terra, aquelas que podem usar magia e fazer seus próprios milagres.

Não que ela havia conseguido algo parecido até agora. Ela era melhor em acender velas e as pequenas coisas como fazer poções do amor.

Serenity olhou para Apollyon. Será que foi obra da poção do amor sobre o anjo?

Ela amaldiçoou e disse a si mesma por conseguir uma aderência. Anjos provavelmente não podiam entrar num relacionamento com os mortais e esta atração a ele era provavelmente porque ela estava se recuperando.

— Você é meu mestre agora. — A voz grave para a sua expressão disse que ele não estava brincando. — Eu faço o que você mandar.

As sobrancelhas de Serenity subiram lentamente absorvidas pelo fato de que ela tinha um anjo pessoal.

— Então nós devemos... — Ela não tinha certeza o que eles deveriam fazer. Esconder-se e planejar algo horrível para fazer com o seu Ex, porque ele a traiu? Tudo parecia um pequeno disfarce e nem um pouco com ela. Ela nunca tinha jurado vingança contra alguém, sempre deixou a raiva ir e acabou com sua vida. Não desta vez, embora. Ela queria que ele pagasse. — Você bebe café?

— Eu nunca tomei isso. — Apollyon sorriu. — Mas me disseram que o gosto é amargo e doce ao mesmo tempo, e tem um efeito interessante sobre o corpo. Eu gostaria de experimentar.

Ela realmente esperava que as pessoas não vissem como ela o via.

— O que você se parece com eles? — Ela olhou para algumas pessoas para fazer o seu argumento.

— Um homem vestido em um terno preto.

— Sem asas?

— Ele balançou a cabeça. — Não se preocupe. É somente você que não é afetada pela imagem que eu projeto.

— Pode me afetar?

Ele parou e olhou para ela. A brisa despenteou seus longos cabelos finos, arreliando os fios do seu rabo de cavalo.

— Você não deseja me ver como eu sou?

Quando ele disse isso assim, a fez se sentir mal. Seus olhos azuis dispararam para os dela, como se ele quisesse ver a resposta neles antes de ela dizer isso.

— Não. — Ela deu um passo em direção a ele. Seu coração bateu rápido novamente e as palmas das mãos suavam. Ela respirou fundo e sorriu para ele. — Você está bem exatamente do jeito que você está.

O vento soprou novamente, pegando seu cabelo loiro e varrendo pelo seu rosto. Ela pegou os fios do seu rosto, colocando-os atrás de suas orelhas, e as pontas dos dedos acariciou sua bochecha quando ele arrastou a mão dela. Ele sabia o que seu toque fazia com ela? Que só de olhar para ele o seu estômago remexia? Ela dizia a se mesma que ele era um anjo e ele estava fora dos limites, mas seu corpo não estava recebendo a mensagem. Queimou ao sentir suas mãos sobre ela, sentir seus lábios contra os dela e tê-lo abraçando-a.

Isso era insano. Ela tinha acabo de conhecê-lo e ela não era geralmente o tipo que se atirava aos homens. Seu Ex, Edward, teve que correr atrás dela por meses até que finalmente ela cedeu e concordou com um encontro com ele, para não falar mais nada.

Agora ela estava pronta para se jogar nos braços de um anjo e rezar para que ele a agarrasse, a beijasse como ela queria fazer com ele.

— Ele realmente te machucou, — sussurrou Apollyon.

Serenity piscou e seu desejo deflacionou com o pensamento de que Edward tinha feito para ela. Ela realmente tinha que limpar a cabeça de qualquer ridícula atração que sentia por Apollyon, porque isso não iria acontecer.

Ela começou a andar novamente, não esperando que ele a seguisse. Ela precisava de um momento para respirar. Desde que ela colocou os olhos nele, a cabeça e o coração estavam em guerra e ela tinha que pensar na realidade. Apollyon estava aqui para ajudá-la a se vingar e isso era tudo. Ela não podia se jogar para ele, ou fazer qualquer movimento, ou qualquer coisa que fosse terminar com seu coração partido novamente ou dissolver tão miseravelmente como Edward havia feito dela.

— Eu disse algo errado? — Apollyon caminhou ao seu lado, suas pernas ágeis tornaram o trabalho mais fácil de seu ritmo apressado.

Ela ficou em silêncio por um momento, perdida em seus pensamentos, o seu olhar vagando sobre os edifícios de pedra branca que cobria a rua estreita.

— Não. — Ela se moveu no meio da multidão em um cruzamento movimentado, atravessou a rua e depois caminhou em outra rua estreita onde o seu café favorito era.

— Apenas me pegou desprevenida. Quero dizer, eu sinto como se você soubesse o que está falando... Como se você... É bobagem.

— Posso sentir isso?

Ela parou fora da cafeteria e olhou para ele.

Ele ficou alguns passos atrás dela, suas asas negras ainda dobradas em suas costas e a decoração dourada em sua armadura negra refletindo no sol.

Ela assentiu com a cabeça.

Ele andou até ela e olhou em seus olhos. — Eu posso sentir isso. É parte da razão, eu concordei em ajudá-la. Você não merece tanta dor. Você sempre parecia tão feliz até recentemente.

— Você estava me espionando? — Soou mais rude do que ela queria dizer para ele.

Umas mulheres bem vestidas de cabelos escuros sentadas em uma das mesas redondas em frente à cafeteria olharam para ela e começaram a falar em voz baixa.

— Eu sou um anj... — Ele franziu a testa quando ela colocou a mão sobre sua boca. Seu hálito quente banhou sua pele, fazendo cócegas nela e enviando um arrepio até o braço dela.

Serenity retirou sua mão. — Não acho que isso é uma boa palavra para usar em público.

— Todos nós observamos. É o que fazemos.

Ela fez uma careta. Que provavelmente havia soado ainda pior. As duas mulheres estavam conversando seriamente agora, furtivamente olhando para ela e Apollyon. Elas provavelmente estavam pensando que ela tinha um harém de perseguidores.

Serenity agarrou a mão de Apollyon e arrastou-o para cafeteria pequena. Era mais calmo dentro, apenas algumas pessoas nas pequenas e redondas mesas de madeira e nas poltronas. Ela escolheu um lugar afastado de todos, perto da janela, e colocou Apollyon sentado em uma poltrona marrom ao lado de uma mesa pequena.

— Espere aqui, — ela disse e esperava que ele ficasse.

O ela tinha se metido?

Serenity pediu um café para Apollyon enquanto ele esperava por ela. Ele estava sentado olhando pela janela. Vendo o mundo passar por? Será que os anjos realmente fazem isso? Se ele disse que eles faziam, então eles provavelmente fizeram tudo vigiando os mortais.

Ele mudou seus ombros, franziu a testa, e em seguida, desdobrou suas asas negras, enviando uma brisa através da sala, então as pessoas pegaram seus papéis, guardanapos e qualquer outra pessoa que havia tentado fugir com o vento.

Serenity olhou de boca aberta para ele. Ele sentou com suas asas negras estendidas atrás dele, quase chegando até o outro lado do salão. Quão grande era a sua envergadura? Cada asa tinha pelo menos oito metros de comprimento.

Ela pegou o café quando chegou, voltou para ele, e sentou em uma poltrona na frente dele, olhando para suas asas.

Apollyon mudou os seus ombros e suas asas enrolaram-se novamente, a maior pena ondulando e passando ao redor de suas botas.

— Eu precisava esticar, — disse ele com um olhar de desculpas e depois sorriu. — Foi há muito tempo desde que eu tive muita liberdade. É bom para esticar minhas asas.

Ela apostou que era. Ele parecia o gato que pegou o creme, sorrindo de orelha a orelha, e um brilho nos seus olhos azuis.

— Como é a sensação de voar? — Ela disse antes que ela pudesse sequer considerar o que ela estava perguntando.

Seu sorriso se alargou. — Êxtase. O vento no meu rosto, a sensação de que minhas penas e a maneira como eu posso ver tudo e ir a qualquer lugar. Não há nenhum sentimento como isso.

— Parece bom. Eu voei... Em um avião... Mas ainda é voar, certo? Algo em comum.

— Você gostaria de voar?

Ele estava oferecendo para levá-la para cima? O pensamento fez o seu estômago se apertar, mas algo dentro dela gostou.

— Tenho certeza que podemos fazer algo sobre isso.

Ele pegou a caneca de café e levantou uma sobrancelha para isso. Ele cheirou primeiro, olhou para o topo espumante, e em seguida, tomou um gole.

Suas penas tremiam e seus olhos se arregalaram, disparando para os dela. — Que droga é essa?

Serenity pegou sua caneca de café com leite e bebeu. — Não é realmente uma droga. É a cafeína, um estimulante natural. Os seres humanos são viciados nisso.

Ele olhou para a caneca de forma suspeita. — Um estimulante?

Ele parecia que estava indo tomar outro gole e, em seguida, colocou de volta na mesa redonda entre eles. Seu olhar encontrou o dela de novo e suas pupilas dilatadas até a íris eram quase tão negras como ele. Ele se moveu desconfortavelmente e cruzou as pernas, estabelecendo as mãos em seu colo.

— Eu não acho que eu deveria beber mais. Seria insensato. — Sua voz era firme e inconfundível, uma faísca de desejo nos seus olhos não iria a lugar nenhum. — Na próxima reunião eu vou ter umas palavras com meus companheiros guerreiros sobre isso. Eles não explicaram os efeitos bem o suficiente.

Efeitos? Ela olhou para as mãos em seu colo e depois de volta para seus olhos escuros.

Viagra para anjos?

— Eu pensei que vocês eram todos assexuados, — ela desabafou e depois cobriu a boca quando ele voltou com os olhos horrorizados para ela. Ela corou como se tivesse dez máscaras de vermelho e tentou pensar em um feitiço que anulasse o que ela tinha dito. Isso provavelmente não iria atingir ele de qualquer maneira. Magia não afetava Deus e Deusas, por isso era improvável que afetassem outros sobrenaturais.

— Eu não sou assexuado. — A maneira como ele disse deixou claro que ele ficaria feliz em provar para ela agora no café.

Serenity engoliu a sua bebida e manteve seu foco nela, evitando o olhar ardente que ele estava lhe dando e ela queria rastejar debaixo da mesa e se esconder.

— Eu não tenho tido uma mulher há vários séculos, mas eu estou de alguma maneira uma criatura impotente.

Será que ele tem que dizer isso alto o suficiente para a cafeteria toda ouvir? Ela se afundou em sua cadeira, tentando evitar os olhares que ela estava recebendo.

— Eu vou levá-lo de volta, ela sussurrou em sua caneca e olhou para ele por cima da borda.

Ele olhou furioso, a paixão já não estava nos seus olhos. A malevolência escura brilhou ali e sentindo que ele não era exatamente um anjo bom da forma que ela tinha imaginado.

— Algumas pessoas dizem que você é o Diabo.

Ele se recostou na cadeira e suspirou. — Primeiro eu sou o anjo da morte, e a gora o Diabo? Os rumores se espalham e penetram, não é?

— O que você é então? — Ela emergiu sua caneca, sentou-se para frente na borda da poltrona e olhou-o. Ele foi feito da carne do pecado, gostoso em todos os sentidos imagináveis, e ela tinha certeza que os anjos não deveriam ser tão tentadores.

— Eu disse a você. Apollyon, o grande destruidor... Anjo do Apocalipse, responsável pela chuva do inferno descendo a Terra quando tudo chegar ao fim.

Que não foi reconfortante.

— Você não é um anjo bom, então?

Ele sorriu e havia uma espécie sexy de escuridão em seu olhar. — Eu sou bom, só porque você disse que eu não trabalho para o Diabo, mas eu posso ser muito ruim.

Ela poderia imaginar. Ela não deveria, mas ela estava imaginando-o em todas as posições possíveis e ele parecia mal sob todos os ângulos.

— Então, o que a minha amante ordena? — Seu sorriso realizou. Algo sobre ele a fez se sentir como se ele estivesse incentivando-a a dizer coisas que estavam furiosas em sua cabeça.

Ele não a queria no comando? Ela não conseguia ir embora. Ela tinha certeza que era errado ordenar um anjo a cometer pecado. Por agora, enquanto sua consciência ainda estava funcionando e ela podia resistir à tentação sentado na sua frente, ela iria se concentrar na sua vingança.

— Nada que envolva morte. Eu quero que ele sofra. Eu quero que ele sinta ciúmes. Fique magoado e sem amor... Como se ele não importasse para mim.

Apollyon sorriu como se ele tivesse gostado do som disso.

Ela segurou seu olhar azul. O que ela ia propor era loucura, e iria quebrar um pouco que tinha de restrição ao seu redor, mas ela ia fazer.

— Eu tenho um plano.







**APOLLYON APERFEIÇOOU SUA** imagem, suavizando seus longos cabelos negros para trás para um rabo de cavalo e apertando o nó da gravata azul. Serenity andou ao lado dele pelas ruas escuras. Seu plano era simples, no entanto susceptível de ser eficaz. Ele olhou de relance para ela, vendo-se em quão diferente ela estava em seu vestido preto, curto, sem mangas, que abraçava seus seios e marcava sua cintura, e os saltos altos preto. Ela havia amarrado o cabelo loiro em um coque frouxo. Com os olhos forrados com um lápis escuro e os lábios vermelhos acrescentando o seu fascínio.

Era difícil não olhar antes para ela, mas agora era impossível. Ela atraiu o olhar para ele e ele não queria desviar o olhar. Ele queria ficar olhando para ela para sempre.

Ele lembrava a si mesmo que ele estava certo agora. Ele deveria olhar para ela, estar atento e encantador, para ser romântico com ela.

— Ele estará aqui. — O tremor em sua voz traiu os nervos que podia facilmente sentir dentro dela.

Será que ela pensou duas vezes? Sua forma de vingança era muito mais suave e branda que a dele. Ele podia facilmente lançar o seu amado infiel no abismo para sofrer lá com o Diabo e os outros pecadores.

O coração dela acelerou. Ele olhou para frente, seguindo o seu olhar, e viu o letreiro em néon. Ela havia mencionado o clube para ele. Era o que ela havia frenquentado com o homem chamado Edward. Apollyon ainda tinha que obter uma descrição do seu alvo, mas ela ia fazer melhor, iria apontá-lo quando estivesse no clube.

— Eu não deveria estar lhe pedindo para fazer isso. — Serenity parou e se virou para enfrentá-lo. — Isso realmente não é certo.

— Você está apenas me pedindo para fingir que sou o seu novo amante. Será uma farsa fácil, e não irá violar qualquer lei aplicável ao contrato que existe entre nós. — Ele sorriu para ela e ela balançou a cabeça. Nada poderia violar as leis de seu contrato. Ele não tinha pedido para criar nenhuma ou fazer qualquer de sua autoria. Qualquer coisa que ela pedisse a ele, ela teria.

Envolvendo pecado ou não.

E ele ficaria bem com isso.

Serenity aproximou-se dele. Ele havia esquecido o quão bom cheirava as mulheres. Seu perfume leve provocou seus sentidos e atraiu-lhe a ela tanto quanto a sua aparência. Ela nunca tinha ficado assim tão linda na piscina.

Ela estava se afastando, mas ele pegou seu pulso e ela parou.

— Você está nervosa. — Ele roçou a ponta dos dedos sobre sua pele, desfrutando a sensação sedosa quente dela. Sempre que ele a tocava, ele não queria soltá-la. Ele queria correr as mãos sobre cada centímetro dela e sentir as sútis diferenças em seu corpo, estudando-a e memorizando cada ponto macio e suas curvas.

— Você estaria muito se estivesse prestes a entrar em um clube com um anjo agarrando o seu braço. — Havia um toque de brincadeira no seu tom, mas ele sabia que ela estava falando sério. Sua aparência para ela a desnorteava.

— Eu não pareço um anjo para eles. — Ele pegou seus ombros e virou o seu rosto para a janela escura da loja atrás dela.

Seus olhos se arregalaram. Qualquer que fosse a habilidade que ela tinha, ela evidentemente não poderia ver através de uma ilusão que ele lançou em outra coisa. Ele estava projetando sua imagem para refletir, para que ela pudesse ver o que outros mortais olhavam quando o via.

— Você se parece com isso?

Ele balançou a cabeça e se inclinou para frente até o seu peito ficar próximo do seu ombro, e olhou para o seu rosto.

— O meu reflexo satisfaz você?

Ela olhou para ele por cima do ombro, com o rosto próximo ao dele. — Eu acho que eu prefiro ver você como você é.

A honestidade nas suas palavras tocaram o seu coração. O seu olhar caiu para os lábios dela e ele deu um passo para trás, longe da tentação que apresentaram.

— Você tem que provar, — ela disse, e olhou para ele. — Nos fatos e na armadura.

Apollyon sorriu. — Se você está satisfeita, então vamos começar a sua vingança.

Ele segurou a mão dela, apenas como uma dica para ela levá-lo ao clube, então ela escorregou a sua na dele. Sua mão era pequena, delicada. Ele segurou-a e caminhou com ela para o clube, tentando lembrar se alguma vez ele segurou a mão de alguém antes. Se ele tivesse, teria sido há muito tempo para se recordar e não poderia ter se sentido tão bem. Ele não teria esquecido se tivesse.

O homem na porta se afastou no momento em que eles se aproximaram. Serenity olhou para ele. Ele deu de ombros. Alguns mortais eram mais fáceis de usar compulsão do que os outros. O segurança foi um alvo fácil. Uma mensagem enviada diretamente para a cabeça do homem dizendo que ele deveria deixar a bela mulher passar, isso foi o suficiente para o segurança levantar a corda de veludo vermelha para eles.

Apollyon a levou para dentro do clube escuro e depois se mudou para frente dela quando chegaram ao espaço lotado no pé das escadas. Azul neon iluminava as barras pretas, refletores brancos selecionavam uma luz pálida ao longo dos bármans e os clientes ali reunidos.

Serenity entrou mais no clube e Apollyon colocou o ambiente para a memória. A pista de dança era pequena e ocupada por mortais dançando, o que ele só poderia interpretar como

sexo vestido. Flashes azuis e lasers fizeram seus movimentos gaguejar e quebrar. Aglomeradas no alto, várias mesas redondas pretas rodeadas por bancos revestidos por pessoas. A maioria delas estava ocupada. A música era muito alta, uma batida rápida e difícil, que fazia perder a paz relativa do inferno.

Serenity parou novamente e ele esbarrou atrás dela. A sensação de seu corpo quente contra o seu, mexeu com ele tanto quanto o café fizera e ele recuou para que ela não notasse. Ela olhou por cima do ombro para ele e fez um sinal com os olhos em direção à pista de dança.

Se ela esperasse que ele fosse capaz de identificar Edward em uma multidão, ela estava superestimando suas capacidades.

Ela pegou o braço dele e ele sentiu seus dedos contra a sua pele, ao invés do tecido do seu terno. Ela poderia alcançar através do seu glamour também. Ele queimou onde ela tocou faminto por mais, para que ela tocasse em outras partes dele.

Ele estava começando a entender por que seus companheiros guerreiros se comprometeram com mulheres mortais.

Ela estava na ponta dos pés, seus seios pressionando contra o seu antebraço e seu peitoral, e ele abaixou a orelha até sua boca, quando ele finalmente recuperou o bom senso, percebeu que ela queria dizer algo para ele.

— O homem com cabelos marrons claros, camisa branca, mostrando o seu tórax, — ela gritou em seu ouvido e ele fez uma careta. Ele deveria ter dito a ela que ele tinha sensibilidade auditiva.

Ele olhou para o seu alvo, com o olhar varrendo os dançarinos e parou quando ele o viu. Ele estava mostrando o peitoral demais, sua camisa branca tinha pelo menos os três botões abertos, e ele estava dançando com uma mulher franzina de cabelos escuros em um vestido apertado revelando sua pele pálida.

— É a mulher que ele traiu você? — Ele franziu a testa. A mulher não era nada comparada a Serenity. Seu olhar mudou para ela e ela acenou a cabeça.

Que tipo de mulherengo Serenity tinha se envolvido com? O pensamento dela com um homem assim o fez ter vontade de mudar de planos e enviar o homem para o inferno depois de tudo.

— Você quer uma bebida? — Ela gritou por cima do barulho da música.

Apollyon balançou a cabeça. — Eu não acho que o álcool seria sábio. Eu não provei isso antes e não tenho certeza se ainda é proibido.

Serenity olhava além dele, para o bar. — Bem, eu preciso de uma bebida.

— Então uma bebida você terá. — Ele soltou a mão. — Eu estarei aqui em um minuto.

Ele ouviu seu suspiro quando ele desapareceu. A mulher olhou direto para ele quando ele apareceu em um espaço próximo a ela, acidentalmente batendo contra ela, e ele sorriu pedindo desculpas. A raiva que havia nos seus olhos escuros desapareceu rapidamente.

— Posso te pagar uma bebida, lindo? — Ela agitou seus longos cílios para ele e sorriu.

Ele nunca havia jogado, mas ele sabia quando uma mulher estava flertando. Ele olhou para onde Serenity estava na pista de dança, olhando sobre as cabeças da multidão para ele, o choque ainda no rosto.

— Eu estou aqui com alguém. — Ele sentiu o olhar da mulher o deixando.

Ela bufou. — Realmente você deveria trocar.

Ela estava insinuando que Serenity não era suficiente boa para ele e que talvez ela fosse?

Ele riu. Ele nunca tinha ouvido algo tão ridículo. Porque ele deixaria Serenity pela mulher diante dele? Serenity era gentil, quente, ele olhou de volta para ela e o seu sorriso lentamente começou a surgir para ele, e bonita.

Ela realmente era bonita.

E ele a queria.

Ele nunca quis uma mulher mortal antes.

Mas ele a queria.

Ele fez um sinal para o garçom e obrigou-o a fazer a bebida da mesma cor brilhante igual a que a mulher sedutora tinha na frente dele. O homem fez e escorregou- a pelo balcão até ele. Apollyon pegou e saiu, desaparecendo e aparecendo ao lado de Serenity.

Ela ofegou novamente e depois sorriu quando ele ofereceu a bebida para ela.

— Eu não sei o que é.

— Será que foi sua amiga que recomendou isso? — Ela ainda estava sorrindo, mas havia algo diferente sobre ela.

Algo mais escuro que veio com uma forte sensação de poder.

*Ciúmes?*

— Ela recomendou outra coisa e eu recusei. — Ele ofereceu a bebida novamente e Serenity pegou desta vez, pegando os canudos pequenos pretos ao redor e depois os chupou.

Apollyon olhou para sua boca, fascinado quando ela retirou os canudos e lambeu os lábios.

— Bom? — ele disse, e ela balançou a cabeça.

O poder que irradiava dela desapareceu e ela sorriu. Ele nunca tinha lidado com uma bruxa antes. Ela poderia amaldiçoá-lo? Ele não tinha certeza se os seus poderes estariam contra os dela e ele não queria descobrir.

A mesa mais próxima deles ficou vazia e ele colocou a mão no seu cotovelo orientando-a para ela. Ela deslizou para o banco alto preto e colocou a bebida na mesa redonda. Apollyon sentou na sua frente, olhando para ela bebendo sua bebida e esperando.

A música continuou a bater, mas logo mudou para uma nova canção. Alguns dos dançarinos deixaram a pista e passaram por eles em direção ao bar. Apollyon alcançou sobre a mesa e colocou a mão sobre Serenity, quando Edward passou.

Ele sorriu para Serenity quando ele sentiu o leve olhar de Edward sobre eles, em seguida, ele passou. Seus olhos se arregalaram e então ela olhou para Apollyon.

— Será que ele viu? — Ela se inclinou em direção a ele, proporcionando-lhe uma visão gloriosa dos seus seios.

Ela estava tentando seduzi-lo?

— Ele viu. — Apollyon olhou por cima do ombro, seguindo o andamento de Edward até o outro lado do salão.

Edward era menor do que ele, e o seu estilo mais leve. Ele parecia simples no rosto, mas era difícil de dizer com pouca luz. Ele deve ter algumas boas qualidades para Serenity ter se apaixonado por ele. Agora, porém, Apollyon não via nada de bom nele. Ele apenas viu um pecador, um homem que deve ser punido e sofrer, assim como sua mestra desejava.

Edward chegou ao bar e olhou para ele.

Não, para eles. Ele estava olhando para eles. Ele percebeu que Serenity estava com ele e que éramos mais do que amigos.

Serenity tomou um gole de sua bebida novamente e Apollyon roçou o polegar levemente sobre as costas de sua mão, olhando para ela. Ela não parecia se importar por ele tocá-la, ou era tudo parte do plano? O seu olhar azul subiu para o rosto dela, estudando-a enquanto ela chupava os dois pequenos canudos pretos. O seu cabelo loiro brilhava azul sob as luzes. A cor deles desbotou sua pele e fez a maquiagem ainda mais escura. Ela olhou para cima da sua bebida e lançou os canudos. Seu sorriso provocando ele, curvando os seus lábios escuros e tentando-o a tomar esta farsa ainda mais, apenas para ver como ele reagiria.

— Que tipo de feitiço você pode lançar? — Ele disse sobre o ruído da música.

Ela mexeu lentamente a bebida com os canudos, olhando em seus olhos o tempo todo. Será que ela tem que pensar duramente sobre isso? Ela podia lançar feitiços nos homens que os fizeram sua escrava? Se ela pudesse, ele juraria que ela já teria lançado nele.

— Minha mãe me disse apenas para usar magias que beneficiariam os outros, e eu fiz até hoje. — Ela levantou o copo aos lábios, empurrando os canudos de lado, e tomando um longo gole. Ela colocou o copo vazio para baixo. — Eu fiz maldições pequenas para as pessoas, feitiços para ajudar na maternidade e concepção e feitiços de amor, é claro.

*Feitiços de amor.*

Talvez ela tivesse lançando esse feitiço sobre ele.

Ela nunca tinha usado a magia para beneficiar a si mesma antes de hoje.

Ele tinha visto o suficiente do mundo para saber que ela era incomum a esse respeito. Seu calor, sua abnegação e bondade, seu coração falava, tornando-a mais bonita. Ela só pensava em ajudar os outros, enquanto a maioria dos que possuíam poderes os utilizavam para lucrar com os seres humanos. Poder é uma droga para os mortais. Ele tinha visto o efeito que fazia sobre eles. Outras pessoas com suas habilidades usariam para ficarem ricos, importantes e populares, seduzidos pelas promessas de felicidades falsas.

Serenity parecia imune a isso, e quando ela finalmente sucumbiu a usá-la pra si mesma, foi para curar a dor em seu coração e ter vingança. A dor que seu ex-amante lhe causara, conduziu-a para usar o seu poder.

E Apollyon tinha ouvido o seu chamado e respondido.

Talvez ele fosse o resultado do seu feitiço depois de tudo. Sua magia poderia ter ampliado a voz dela e ele conseguiu ouvir, porque ele estava focado sobre ela no momento.

— Você nunca tentou usar?

Ela balançou a cabeça e depois desviou o olhar. — Talvez, às vezes.

*Às vezes.*

Seu olhar escapou de volta para ele, seu encontro, e ela ruborizou. Teria sido impossível dever se ele não tivesse prestado atenção nela. Ela havia lançado um feitiço? Sobre quem? Em Edward ou sobre ele? Vingança ou amor?

Por outro lado, Serenity estava disposta a seguir com isso juntos. Ela virou a mão por baixo das dele, prendendo a sua entre as dela.

— Você acha que deveríamos dançar? — Houve uma margem de nervosismo para a sua expressão e seu olhar cintilou por ele, por cima do ombro.

— Ele ainda está assistindo? — Apollyon podia sentir o olhar do homem em suas costas.

Ela assentiu com a cabeça.

— Então definitivamente deveríamos dançar.

Ela hesitou. — Tudo bem para dançar... Para fazer tudo isso?

Quantas vezes ela iria perguntar a ele a mesma pergunta? Sua resposta não ia mudar. O que ela quisesse, ele faria.

Apollyon pegou a mão dela, se levantou e andou em torno da mesa. Seu sorriso parecia dar a resposta que ela estava procurando, trazendo outro rubor ao seu rosto, e ela deslizou de sua cadeira e o seguiu para a pista de dança.

A música era mais pesada agora, mais difícil e mais lenta. As pessoas na pista de dança estavam beirando o sexo vestido novamente e, por um momento, ele se perguntou se era uma boa idéia. Ele não tinha certeza onde uma dança levaria, mas a expressão nos olhos de Serenity disse que onde quer que ele levasse, não pretendia ir.

Ele a puxou para os seus braços, então as mãos dela estavam contra o seu peito, e ficaram lá com ela, olhando com os olhos arregalados. Suas pupilas dilatadas, suas íris escurecendo, cheia de paixão e fome que ele podia sentir batendo em eu coração.

Quando ela ficou nervosa e pelo fato que ele fosse um anjo, ela ficou mais confiante, sensual nos seus movimentos, e praticamente flertando ao seu redor. Ele a queria dessa forma agora, e não porque faria Edward ciumento por vê-los.

Apollyon deslizou suas mãos até a cintura perto dos seus quadris. Ela se sentiu bem sob o seu toque. Suas pálpebras deslizaram até a metade e as palmas das mãos pressionadas contra o peito, não na sua roupa, mas na sua armadura. Será que ela gosta da sensação de suas mãos sobre ela?

Ele aumentou a pressão na sua cintura e puxou-a contra ele, começando a se mover lentamente sob o ritmo pesado. As mãos dela deslizaram por cima de seu peitoral e, em seguida, sobre a clavícula em direção ao seu pescoço. Ele estremeceu quando ela deslizou os dedos até os seus ombros, e prendeu nele, seu corpo se movimentando contra o seu. Cada vez que eles roçavam, cada passo que tomaram esfregando-se um contra o outro, levaram um pouco mais para perderem o controle.

Serenity deslizou sua mão atrás de sua cabeça, girando o cabelo escuro do seu rabo de cavalo em torno de seus dedos finos, e depois, estabelecendo-as na sua nuca. Ele mudou a sua mão, aliviando a sua cintura e indo para suas costas, sentindo a maneira como os seus quadris se moviam enquanto ela dançava. Sua perna deslizou entre as dele e as suas entre as dela e ela serrou os olhos novamente quando ele se esfregou no ápice que fica entre suas coxas. Ele gemeu e aproximou-se dela, ansioso para sentir todo o seu corpo contra o dele, seus pensamentos mergulhando para baixo numa rota que não haviam atravessado por um longo tempo. Quão bom seria ela nua? Ele queria explorar cada centímetro do seu corpo flexível com a boca e as mãos, queria adorar o corpo dela até que ela gritasse o seu nome e caísse nos seus braços.

Apollyon recuou um pouco, incapaz de suportar a tortura e precisando de um momento para respirar. Ele estava muito perto de se deixar levar.

Serenity olhou nos olhos dele, os dela cheios de incentivos, pedindo a ele para dar a ela. Ela faria voluntariamente, se pudesse ter certeza que isso não era uma representação. Era uma farsa, nada mais do que fingir que eles fariam inveja a Edward. Isso era tudo o que era.

Então porque era tão bom tê-la nos braços?

Ela correu as mãos para baixo sobre os seus bíceps, lentamente, o seu olhar seguiu sua mão direita, traçando as curvas dos seus músculos, e o seu coração bateu mais rápido, como se estivesse explorando o corpo animado dela.

Seus olhos escureceram, e ele pôde sentir a fome dentro dele, podia sentir a necessidade crescendo.

Porque seu corpo queimava onde ela tinha tocado?

O olhar dele cintilou até sua boca.

E porque ele não podia manter a sua mente longe dos olhos dela e dos seus lábios vermelhos de cereja? E como seria a sensação de mergulhar sua cabeça e beijá-la?

Foi há muito tempo desde que ele tinha desejado uma mulher, mas sabia que jamais sentiu esse desejo - tão forte e irresistível. Ele amava como ela movia-se contra ele, seu corpo escovando-os, provocando-o à submissão, enviando arrepio após arrepio em sua pele, com a sensação da sua temperatura subindo. Ele amava o jeito como ela olhava em seus olhos e sorria para ele, tão cheios de emoções honestas e desejos. Não sentindo como um fingimento.

Parecia tão real que ele tinha certeza que ela gostaria de receber um beijo dele.

Não poderia ser o glamour, porque não funciona para ela. Ela tinha que ser atraída por ele.

Ela sorriu para ele, as mãos descansando levemente por seus cotovelos, queimando-o com o seu toque. Ele queria sentir suas mãos sobre seu peito, mas desta vez sem sua armadura atrapalhando. Ele precisava que ela o tocasse, para sentir o que ela fazia com ele e quão duramente fazia o seu coração bater.

Ele moveu-se contra ela, satisfazendo-se quanto ele poderia, em público e sem ultrapassar a barreira. Ela não parecia se importar. Seus olhos se fecharam novamente quando ele deslizou as mãos até suas nádegas e gemeu baixo quando o globo duplo gostoso moveu sob seus dedos. Ele deslizou as mãos mais abaixo, e puxou-a contra ele, colocando o seu quadril perto do seu.

Ele a queria.

Seus olhos arregalados reconheceram isso, suas pupilas engolindo suas íris, e seus lábios se separaram.

Ele queria beijá-la.

Não poderia ser fingimento.

Ele queria envolvê-la em seus braços, em suas asas, e nunca deixá-la ir.

O que ela tinha feito para ele?

Que feitiço ela lançou para ele ter ficado assim?

Seus dedos acariciavam seus braços, retrocedendo até os ombros, e ela traçou a linha das tiras de couros que segurava a armadura no lugar. Ela brincou com as fivelas, fazendo o seu corpo tremer com o pensamento que ele podia ter o seu desejo realizado se ela retirasse a armadura e tocasse no seu peito nu.

Ele queria tanto isso.

Seu peito subia e descia com sua respiração difícil, atraindo os seus olhos para lá. Fome profunda bateu através dele com a visão de seus seios pressionando contra seu vestido preto pequeno. Ele perdeu o controle do que eles estavam fazendo, até que eles estavam abraçados, olhando nos olhos um do outro, tanto que o seu coração acelerou.

Seu olhar voltou para a sua boca e ele não podia mais lutar contra a tentação.

Apollyon abaixou a cabeça em direção a dela, envolveu-a em seus braços, e inclinou a cabeça para beijá-la.

Ela deu uma risadinha.

Ele a puxou de volta, franzindo a testa. Ela riu, em seguida, se contorceu contra ele. Ele gemeu quando seu quadril pressionou a sua ereção dolorosa.

Ela era bonita quando ela ria, embora. Ela escovou seus ombros e depois desceu para seus braços, e ele percebeu que eram suas asas. Ele levantou uma e levou suas penas negras sobre o seu ombro. Ela riu em seus braços, autêntica e cheia de felicidade.

Ela parecia ter esquecido sua dor.

Ambos pareciam ter esquecido que isto era fingimento.

# Capítulo QUATRO

**SERENITY OLHOU NOS** olhos escuros de Apollyon, vendo a paixão e o desejo queimando dentro dela e refletindo neles. Ela tinha que estar imaginando isso. Isso tudo era apenas uma atuação, e tinha que trabalhar na medida em que pudesse dizer, mas então ela tinha perdido a noção do que Edward estava fazendo no momento em que Apollyon tinha colocado as mãos sobre ela.

Os últimos minutos foram reais.

Eles não poderiam estar-

Suas asas eram um lembrete constante de que ela precisava senti-las, tocá-las para trazê-la de volta para seus sentidos. Não importava que ele parecesse como se tivesse estado a ponto de beijá-la. Ele era um anjo e ele estava definitivamente fora dos limites.

Mesmo que ele fosse beijá-la, ela tinha que convencer a si mesma que era apenas uma atuação.

Ela não podia se apaixonar por um anjo, não importa como o anjo sexy em questão era. Não havia esperança de se tornar algo mais do que uma missão para ele. Ela não era ingênua o suficiente para não ver isso.

Um anjo não poderia se apaixonar por um mortal.

A música terminou e Serenity olhou na direção de Edward. Ele tinha ido embora. Ela olhou ao redor, nas pontas dos pés para ver por cima das cabeças da multidão, e não o encontrou em lugar nenhum.

— Ele foi embora. — Ela deu um passo de volta para Apollyon.

Ele pareceu desapontado quando as mãos dele caíram. Ela se virou de modo que ela não pudesse vê-lo e fingir que ela tinha apenas imaginado.

Apollyon a levou da pista de dança e foi sentar-se novamente à mesa. Ele pegou a sua mão e ela se dirigiu para a saída. Não havia sentido em ficar quando Edward foi embora. A música estava lhe dando uma dor de cabeça, ela tinha jogado o suficiente para fingir uma vida inteira. Quando ela tinha sugerido isso como um plano para se vingar de Edward, ela não considerou as conseqüências ou como isso poderia afetá-la.

— Estamos indo também? — A voz grossa de Apollyon fez coisas engraçadas nas suas entranhas e ela queria estar de volta em seus braços, realizada perto dele enquanto ele murmurava palavras doces em seu ouvido.

Serenity balançou a cabeça e rapidamente tomou as escadas até a saída. O ar dar noite estava esfriando agora, mas estava quente o suficiente para ficar sem casaco. Ela olhou para cima, desejando que pudesse ver as estrelas. O céu estava claro, mas as luzes da cidade causaram uma névoa que bloqueou tudo, menos, a mais brilhante da visão.

— Você quer voar? — Estas palavras eram uma tentação, dizendo em voz baixa perto de seu ouvido. Ela queimava balançando a cabeça em afirmação e atirando a cautela ao vento. Ele aproximou-se dela, até ela poder sentir o seu calor e ela queria se virar e beijá-lo até que o fogo que ele acendeu dentro dela queimasse. A respiração dele fez cócegas em seu pescoço e ele colocou as mãos levemente em seus ombros, fazendo o seu corpo pegar fogo e tremer, onde ele tocou. — Eu posso voar com você, até sua casa.

— Eu tenho medo de cair, — ela sussurrou.

Apollyon moveu ao redor dela, sensual e como um predador, o seu olhar irritado para o dela, como se ele visse dentro dela em seu coração e sabendo o real significado por trás dessas palavras.

Ela estava com medo.

Ela não podia se apaixonar por um anjo.

— Eu não vou deixar você cair. — Ele apertou sua cintura e depois deu um passo para ela, deslizando suas mãos ao redor para se estabelecer no arco das suas costas. Seus olhos azuis seguraram os seus, a mancha de luz pálida neles a hipnotizou. Ela podia olhar em seus olhos e nunca ficar entediada. Eles mudavam de alguma forma. A maioria das vezes as marcas eram ligeiramente diferentes, como se estivesse mudando constantemente. Ele sorriu. — Você prefere me encarar ou não?

Sua pulsação disparou com o calor ardente em seu olhar. Ela era a única encobrindo o verdadeiro significado de suas palavras ou ele estava fazendo isso também?

Serenity repreendeu a si mesma. O anjo não estava lhe perguntando sobre as suas preferências de posições sexuais. Ela arrastou a coragem de seus dedos, disse para si mesma que era apenas um vôo curto para o seu apartamento nos braços de um anjo lindo cruel, e que não era nada mais que isso.

Ele levantou uma sobrancelha quando ela enrolou seus braços em volta de seu pescoço.

— Eu tenho uma idéia melhor. — Ele a pegou em seus braços fortes, embalando-a. O vento soprou o seu vestido, refrescando a sua bunda, e ela ergueu a sua parte traseira, agarrando a saia de seu vestido preto de verão e enfiando-o entre as coxas. Ela não queria expor sua bunda para a integridade de Paris.

Ela levantou uma sobrancelha. — As pessoas não vão ver?

Apollyon balançou a cabeça e olhou para o céu, com uma expressão pensativa. — Eles não podem ver você agora.

— Você está nos escondendo? — Ela olhou ao redor e depois para ele.

Ele assentiu e ela agarrou os ombros quando ele bateu as asas de penas negras enormes e elas deslizaram para cima. Seus olhos se arregalaram quando ela olhou para baixo, de imediato, lamentando isso quando o seu estômago girou.

Serenity enroscou nele, escondendo o rosto contra seu pescoço, e pensou em lhe dizer para voltar para baixo novamente. Ela realmente não queria cair e ela não tinha pensado sobre isso bem o suficiente. Ele a deixaria cair? E se ela fosse muito pesada?

Os olhos dela se arregalaram novamente e ela recuou, olhando para ele. — Você pode levar nós dois?

Ele riu, o timbre dele profundo e quente cheio de diversão, e ela fez uma careta.

— Você pesa praticamente nada. — Ele apertou um dos lados dela e seus joelhos, onde ele prendeu. — Agora para que lado?

Serenity demorou um momento para parar e olhar para os telhados de Paris e para localizar a direção do seu apartamento. Ela apontou, quando ela achou que fosse ele e Apollyon mergulhou de tal maneira, que suas asas bateram o ar mais frio, causando uma brisa agradável na sua pele.

Ela olhou para a cidade por um momento, espantada com a visão estendida à sua frente, uma infinidade de luzes brilhantes na escuridão, e depois em Apollyon. Ele foi incrível. Desejando poder voar como ele. Seu foco permaneceu na direção que ela tinha apontado, o controle sobre sua certeza, dando-lhe conforto e segurança. Ela confiava nele.

Tinha sido há muito tempo desde que ela tinha alguém de confiança tão abertamente, de forma implícita. Ela ainda não tinha tanta confiança em Edward. Ela mal conhecia Apollyon, mas algo sobre ele fazia sentido direto a ela, como se fossem feitos um para o outro. Era ridículo que ela se sentisse assim.

Apollyon olhou para ela, seus olhos quase pretos na luz baixa, e ela se acalmou em seus braços, seu coração batendo de forma constante e devagar. Ele era tão bonito e cruel.

Ele parecia olhar para o seu passado e, em seguida, mudou o curso com uma batida dura de suas asas. Ela estava enroscada nos seus braços, quando ele acelerou, caindo para a cidade, e estava perto de gritar até que ela viu a Torre Eiffel distante à frente, maravilhosamente iluminada com luzes brancas. Isso era incrível, enviando um arrepio sobre a pele.

— Você está com frio? — Apollyon diminuiu a velocidade, tornando-se seu ritmo mais lento.

— Estou bem, — ela sussurrou, tendo uma visão da Torre Eiffel e do mundo abaixo.

— Eu deveria levar você para casa.

— Não. — Ela agarrou seu peitoral negro e dourado, e ele olhou para ela. Ela sorriu timidamente. — Só uma vez ao redor da Torre?

Seu sorriso era brilhante e seu coração acelerou, seu corpo respondeu a sensação de suas mãos sobre ela de novo, a crescente consciência de quão próximos ele estava com ela e do jeito que ele estava olhando para ela com intensos olhos escuros.

— Apenas uma vez. — Ele disparou mais abaixo, até que eles ficaram apenas metros acima do chão quando passavam sobre o rio. Ela olhou para ver o seu reflexo, mais não conseguiu ver nenhum. Eles realmente estavam invisíveis. Ela riu, e nenhum dos turistas tirando foto da torre notou.

Todos eles se abaixaram e seguraram suas roupas quando Apollyon bateu suas asas de novo, o vento forte bateu no meio da multidão. Serenity olhou para a torre, tomando-se como uma rara oportunidade de vê-la tão de perto. Ela provavelmente jamais a verá dessa forma novamente. Era incrível pensar que Apollyon poderia fazer tudo o que ele queria. Ele poderia voar em torno dela até ele se cansar e então ele poderia voar em outro lugar.

Apollyon abraçou-a como uma espiral ascendente, em direção ao topo da torre brilhante, e ela engasgou quando ele pousou na ponta, com um pé segurando o peso de ambos e que não afetava a torre em nada.

— É bonito aqui em cima. — Ela aninhada em seus braços para se manter aquecida. Ela não queria que ele fosse embora porque estava frio. Ela queria ficar aqui com ele, fingindo.

Ele envolveu suas asas em torno dela, as penas negras quente contra seus braços e pernas, cobrindo-a completamente.

Serenity olhou para cima e encontrou-o olhando para ela, a cabeça inclinada para um lado e os olhos cheios de calor. O que ele estava pensando? Ele olhou para ela igual na boate, como se fosse beijá-la. Ele queria beijá-la agora? Ela queria mais do que qualquer coisa e não poderia ser apenas uma atuação agora, porque Edward não estava por perto para vê-los.

Não poderia ser fingimento.

Os olhos dele caíram sobre sua boca.

Serenity se forçou a olhar para a cidade, para longe de Apollyon. Ela não queria se machucar novamente, por obter esperança sobre ele.

— Você está ficando fria, — ele disse, e ela ouviu um significado diferente a essas palavras.

Elas cortaram tão profundamente que ela se sentiu como se estivesse sangrando por dentro. Ela queria dizer a ele que ela não estava distante, e que ela o queria, mas ela não conseguia encontrar sua voz.

Ele desenrolou suas asas e mergulhou da torre, indo em direção ao chão tão rápido que ela se agarrou em seu pescoço, com medo de que ele a deixasse cair. Ele parou no último minuto com uma batida forte de suas asas e então eles estavam por cima dos telhados de novo, em direção a sua casa.

Serenity o direcionou assim que eles estavam perto, seu coração pesado e sua cabeça doendo. Ela não tinha certeza do que ela estava fazendo. Ela estava imaginando tudo e apenas o que ela queria ver? Será que ela sente algo por Apollyon que não seja somente a luxúria? Ela nunca foi o tipo para flertar com um homem ou procurar uma aventura rápida. Ela estava séria sobre ele?

Ele pousou na varanda da cobertura de seu apartamento, tocando abaixo com tanta delicadeza que ela nem sequer sentiu, e suas asas dobraram-se contra suas costas. Ele a colocou para baixo e ela ficou olhando para ele, tentando descobrir seus sentimentos e que ela estava fazendo. Ela mal o conhecia.

Que era provavelmente melhor dessa maneira.

— Obrigada. — Ela ajeitou o vestido preto e remexeu.

— Por voar para casa?

— Não... Por me ajudar. Foi muito gentil da sua parte. — Ela poderia ter soado mais afetada? Ela não tinha certeza de como agir ao seu redor, no entanto, ela queria atirar-se em seus braços e aproveitar tanto o momento quanto ele.

Apollyon sorriu. — Nós não tivemos ainda a sua vingança.

Não tivemos? Edward ficou com ciúmes. O quão longe Apollyon estava disposto a ir para fazê-lo sofrer? Havia escuridão nos olhos de Apollyon, quando ele disse que não estava mentindo para ela que iria fazer coisas terríveis a Edward, caso ela ordenasse. Isso estava ficando fora de controle, e se eles continuassem fingindo, ela tinha certeza que acabaria machucada novamente. Ela não tinha certeza se queria continuar a farsa. O pensamento de Apollyon a machucando só fez querer lhe dizer que tudo estava acabado e que ele fosse embora.

— É realmente bom para você estar fazendo isso? — Ela disse, como uma alternativa.

Seu sorriso se alargou, bonito, charmoso, em seu efeito devastador. Seu coração bateu mais rápido, correndo com os pensamentos que enchiam sua mente, uma continuação da mesma maneira que haviam dançados juntos. Ela nunca tinha sido tão ousada com Edward, como ela tinha dançado com Apollyon. Fingindo que tudo era uma farsa, fez ela se sentir livre se jogando em cima dele, fazendo inveja a Edward como uma desculpa para fazer o que ela queria com Apollyon.

Ela queria dançar assim com ele novamente, agora no telhado sob a lua.

— Eu posso fazer o que quiser. Os anjos não são comandados por Deus. Nós apenas trabalhamos para ele, e trabalhamos um determinado número para o Diabo.

— Mas você é definitivamente um cara legal? — Ela sussurrou, às vezes não muito certa. As coisas que ele disse a ela sobre o seu dever a fez sentir como se não houvesse um traço mau nele. Porque outra razão eles o escolheram para chover a destruição na Terra?

— Eu sou, — ele deu um passo em direção a ela, sua altura construída amplamente fazendo ela se sentir pequena.

— Você tem que olhar novamente, definitivamente você me faz sentir como se estivesse prestes a dizer que sou a morte.

— Você não é. — Ela parecia confiante mesmo quando ela não estava. Ele a surpreendeu. Ela aproximou-se dele, inclinando a cabeça para trás para ver seus olhos. Seu coração martelou. — Você é apenas um bad boy.

Ele sorriu. — Então, é isso que eu tenho dito.

Ela franziu a testa. — Com mulheres?

Ele balançou a cabeça, sua expressão obtendo uma borda de divertimento. — Não, com os meus companheiros guerreiros. Isso foi há muito tempo e não temos vistos uns aos outros em séculos.

— O que aconteceu? — Serenity estudou seu rosto, tentando ler seus sentimentos sobre ele. Que não parecia triste por não falar com seus amigos todo esse tempo.

— Eles mudaram. — Ele caminhou até a borda da pequena varanda em seu telhado de ardósia cinza e ficou olhando para o horizonte. Uma brisa capturou uns fios de seu rabo de cavalo escuro e eriçou suas penas. Ele suspirou e olhou por cima do ombro para ela. — Eles preferiram passar seus anos na Terra, nos braços das mulheres mortais que eles amavam. Nós

temos um hábito de assistir os seres humanos e, celibato nos tempos modernos é muito difícil. As mulheres se vestem tão provocantes.

O seu olhar caiu para seu vestido, lentamente, passando por cima de seus seios até as coxas. Ela ficou imóvel, se sentindo desconfortável por causa do calor dos olhos dele, mas não querendo que eles saíssem dela. Ela gostava da sensação deles sobre ela e quão confiante a sua aparência faminta estava.

— Eles têm permissão para fazer isso? — Ela sussurrou, não conseguindo encontrar a sua voz, e os seus olhos azuis subiram para os dela. Ela caminhou até ele, inclinando-se a sua bunda contra o parapeito da grade de metal preta ao lado dele, e olhou em seus olhos.

Ele riu novamente, mas não reprimindo o fogo em seus olhos. Queimaram mais brilhante agora, as chamas que ameaçavam para ela colocar sobre o fogo também, caso ela dessa um salto em seus braços.

— Nós somos anjos. — Ele limpou os cabelos loiros de seu rosto, enfiando-os de volta no seu coque. — Não santos.

— Oh. — Seus olhos arregalados caíram para sua boca e ela imaginou como seria bom sentir o beijo dele, ter seus lábios tocando mais a sua carne, provocando-a até ela despedaçar e ele tiver que colar ela novamente.

— Alguns caem e optam por se tornar mortal... Outros permanecem como são, mas servem da Terra. É um grande sacrifício em ambos os casos. — Ele acariciou seu rosto, segurando o seu olhar por vários segundos, e depois se afastou dela. — Hoje foi um dia cheio para você. Eu vou deixar você descansar e voltar amanhã.

Serenity pegou seu pulso antes que ele pudesse afastar-se. Ele olhou para ela e depois em seus olhos.

Ela engoliu em seco.

— Aonde você vai? — Ela o soltou e depois olhou para fora sobre os telhados. — Você tem amigos aqui?

— Não. — Ele se aproximou dela novamente, até que ele estava quase a tocando e ela podia sentir o seu poder irradiando contra eles.

Ele era forte. Seu poder estava muito mais potente do que o dela e ela não tinha dúvidas de que ele poderia ser uma força destrutiva mortal se ele colocasse sua mente para ela, mas

por alguma razão isso não a assustava. Ele não havia lhe dado motivos para temê-lo, apenas para confiar nele e se sentir segura ao seu redor, e quanto mais próximo ele estava com ela, mais ela se sentia assim.

Serenity se virou e sorriu para cobrir o seu nervosismo. — Você pode ficar aqui.

A sobrancelha escura se levantou com a sugestão.

— Eu tenho um sofá que você poderia dormir, e alguns cobertores, e é melhor do que ficar sozinho, não é?

O olhar que ele deu a ela mais uma vez, lhe deu a impressão de que ele estava pensando em dormir em algum lugar diferente do sofá e, em seguida, a paixão que estava à tona em seus olhos se dissipou, revelando um sentimento que a surpreendeu. Ele parecia muito aliviado ou talvez isolado. Ela estendeu a mão e tocou o seu antebraço, colocando a mão sobre o punho de couro preto que o protegia, e tentou identificar a emoção usando o seu poder.

Apollyon franziu a testa e pegou a mão dela. O contato pele a pele de repente impulsionou seus sentidos e o sentimento veio alto e claro. Ela olhou para ele enquanto ele brincava com os seus dedos, fixando sua atenção sobre eles.

Solidão.

— O sofá parece bom. — Ele baixou a mão. — Eu não durmo há muito tempo.

— Você não dorme? — Ela levantou a trava da janela francesa de sua varanda e entrou na sala escura. Quando ela esbarrou na mesa de madeira velha na cozinha, ela estalou os dedos e as luzes se acenderam. Ela olhou para Apollyon que estava perto da porta, seu olhar varreu sua cozinha e a sala de jantar. Não era grande coisa. As paredes brancas precisavam de uma nova pintura para toná-las verdadeiramente mais vibrante e havia uma pilha de pratos na pia da cozinha compactados.

— Não quando eu estou de serviço, se não estou demitido para- — Apollyon pisou para frente para a sala de jantar e Serenity refletiu o que ele disse enquanto ela atravessava a sala para a porta de madeira aberta passando para a sala. — Quando eu apenas dormir na Terra... Isso foi há séculos desde a última vez que eu estivesse aqui.

— E eu chamei você. — Ela não havia esquecido isso. Ele ficou surpreso, e ela também. Ela estalou os dedos novamente, usando o seu poder para acender a luz no canto da sala de estar por trás da televisão. Ela apontou para o sofá creme. — Eu vou pegar alguns cobertores.

Serenity sentiu o olhar dele sobre ela enquanto ela se afastava, para o seu quarto. À porta ficava a direita da televisão, diretamente na frente do sofá. Se ela deixasse aberta, ela seria capaz de vê-lo enquanto ele dormia. Ela agarrou um dos travesseiros da sua cama de casal e, em seguida, pegou uma manta escura e grossa vermelha do fundo do seu guarda-roupa de madeira à direita da porta.

Apollyon estava sentado no sofá quando ela voltou. Ele sorriu quando ela lhe entregou o cobertor.

— Eu costumo acordar cedo. Vou tentar ficar quieta, se você estiver dormindo. — Ela permaneceu perto da mesa de centro em frente ao sofá.

— Obrigado. — Apollyon assentiu. — Boa noite Serenity.

Ela sorriu ao ouvir o som de seu nome em sua boca, falada com calor.

— Boa noite, Apollyon.

Ele sorriu de volta para ele.

Serenity levantou-se para o seu quarto e fechou a porta, pressionando as costas contra ela e fechando os olhos.

Como ela deveria dormir com ele, ao lado na sala?

Isso iria ser impossível.




**SERENITY ABRIU UMA** fresta da porta do quarto e olhou através. As luzes da sala estavam apagadas, mas a lua tinha se mudado ao redor, brilhando através das janelas para a direita, além da televisão. Ela lentamente arrastou os olhos sobre Apollyon.

Eles se arregalaram quando ela viu que suas asas tinham sumido. Ela abriu a porta, convencida de que ela estava sonhando, e deu uma boa olhada nele.

Elas tinham sumido. Ele não tinha as dobrado. Elas simplesmente não estavam lá.

Ele estava deitado no sofá, com sua cabeça na extremidade mais próxima à porta da cozinha, e os pés balançando sobre a extremidade ao lado da janela. Ela sufocou a risada ao ver que ele estava esparramado tão desconfortável. Ele era muito alto para o seu sofá pequeno. Ela provavelmente deveria ter dado a ele a cama e dormido no sofá ela mesma.

Serenity saiu da sala nas pontas dos pés e fazendo careta a cada passo que fazia barulho. Ela queria olhar para ele um tempo e ela não queria acordá-lo. Se ele achava o seu vestido

preto provocativo, ela pôde muito bem imaginar o que ele pensaria do seu pequeno tecido vermelho escuro que ela estava usando.

Ela parou a poucos metros dele, do outro lado da mesinha de centro. Ele era lindo banhado ao luar e parecia tão normal, sem suas asas. Ela poderia facilmente enganar-se pensando que ele era mortal como ela.

Ele estava dormindo profundamente, o peito nu subindo e descendo constantemente. Sua boca seca quando ela se virou e o examinou. Ele estava nu. Claramente, ele não estava acostumado a compartilhar com uma companhia feminina. O cobertor vermelho montava abaixo, mal cobrindo os quadris, e sob o risco de cair completamente. Seus olhos vagaram sobre ele até a parte do seu coração. Ele tinha um braço dobrado atrás da cabeça e o outro repousava sobre o seu quadril, puxando-a para olhar para lá. Ela traçou a curva de seus músculos e então a linha escura do cabelo que conduzia seus olhos para baixo.

Olhando para ele agora, era difícil acreditar que ele era um anjo real. No entanto, ela era uma bruxa. Sua mãe sempre lhe ensinou a acreditar em tudo, porque nunca se sabia o que poderia vir a ser real. Ela sempre acreditou em anjos, mas nunca ela imaginou que acabaria com um dormindo nu em seu sofá.

Ela parecia não acreditar, só de olhar para ele e saber que ele viveu durante todo esse tempo – toda a eternidade.

Ele era imortal.

Um imortal muito bonito.

Seu rosto era uma máscara de paz e seu cabelo escuro estava caindo para fora do seu rabo de cavalo e se espalhando pelo seu antebraço, onde desaparecia por debaixo de sua cabeça. Todos os anjos eram tão bonitos quando ele?

Ele se mexeu, então, ela correu de volta para o seu quarto e mergulhou debaixo das cobertas, escondendo lá e fingindo estar dormindo. Seu coração trovejou, o sangue correndo por sua cabeça, e ela ouviu um duro sinal de que ela tinha o acordado.

Por um momento, Serenity estava convencida de que ela não tinha o perturbado, e então ela teve uma estranha sensação de estar sendo observada.

Uma luz explodiu acesa.

Serenity subiu na cama, segurando um cobertor rosa escuro contra o peito, e seus olhos se arregalaram.

Ela se cobriu, suas bochechas em chamas pelo o que ela tinha acabado de ver. — Se vista!

Um formigamento subiu sobre sua pele a partir do flash dele nu em sua porta.

— Você parecia muito interessada em me ver há um momento atrás. — Existia um toque de diversão em sua voz.

Seu corpo inteiro ficou vermelho como o seu blush[2]. — Eu não... Não estava.

— Você pode sair agora. — Ele disse, e ela espiou por entre seus dedos se certificando de que ele não estava a enganando. Era crueldade dele, estar diante dela como, quando ela o queria. Ele tinha dito a ela que havia outros anjos com mulheres mortais, mas ela ainda não conseguiu superar o fato de que ele era um anjo e que ela foi criada a acreditar. Os anjos não faziam essas coisas. Eles eram bons. Eles eram santos.

Apollyon era mal. Apollyon foi construído para o pecado.

Ela sabia em seu coração quando ela olhava para ele. Ele transpirava poder e sensualidade, uma criatura ágil, bonito com o corpo de um Deus e o sorriso de um Diabo. Ela o queria e se ele não se colocasse para longe, ela provavelmente sairia e o tomaria pela primeira vez na sua vida.

Serenity, lentamente, olhou baixando para seu quadril. Uma tanga pequena estava cobrindo ele.

Ela saiu do seu esconderijo.

— Melhor? — Ele atravessou o quarto e sentou-se ao lado dela na cama, uma perna em cima do colchão, então ele estava quase de frente para ela e a parede. — Você estava tendo problemas para dormir?

Ela estaria sempre? Ele sabia como era impossível de resistir a ele? Ficar aqui em uma cama grande e sozinha, enquanto ele estava a poucos metros de distância, nu?

A dança ainda manteve o seu fogo aceso.

[2] BLUSH – Um tipo de maquiagem que normalmente usa nas bochechas para deixá-las rosadas.

— Um pouco. — Ela levou os joelhos para debaixo das cobertas. — Eu não sei o que estou fazendo. Vingança não é o meu estilo.

— Deixe ser a minha vingança, então.

Serenity olhou para ele e franziu a testa. — Por quê?

Apollyon suspirou e escovou os dedos em sua bochecha e depois pelos longos fios de seu cabelo selvagem.

— Por que eu vi a sua dor e sentir o seu sofrimento, mesmo antes de nos conhecermos, e eu quero que ele sinta isso também. Eu quero retribuir por feri-la tão profundamente.

Ele realmente estava olhando para ela. Seu próprio anjo da guarda. Ele tinha visto a sua dor e, em seguida, ele ouviu o seu chamado, e ele tinha vindo por ela, para aliviar o seu sofrimento e fazê-la se sentir melhor.

Serenity não sabia o que dizer. Ela se tocou de que ele claramente se preocupava com ela, o suficiente para ele levar a carga de vingança sobre os seus ombros, levantando o peso do dela. Isso ainda me fez sentir como se fosse a minha vingança, mesmo que ele tivesse dito que era a sua, mas estava agradecida por ter seu apoio e o ouvir dizer que ele estava com ela nisso.

— Obrigada. — Ela se inclinou e lhe deu um beijo em sua bochecha.

Ela hesitou lá, sua boca perto da dele e seu coração batendo descontroladamente, aguardando sua reação. Ela não pensou sobre o que ela estava fazendo. Foi puro instinto para beijá-lo.

Ele ficou imóvel por um momento, como se ele tivesse levado um choque, e então ele se virou e a beijou.

Era melhor do que ela imaginava que seria. Os lábios dela esmagados em um beijo apaixonado, suas línguas entrelaçadas, e ela se perdeu duramente sentindo isso. Sua boca estava quente, convidativa, e ela não parou para pensar. Ela o beijou de volta, deslizando as mãos sobre seus ombros, como a dele reivindicando a sua cintura, e gemeu quando as ondas de prazer correram através dela. Sua língua mergulhou em sua boca novamente, roubando seu fôlego, e ele se moveu sobre a cama, ajoelhando e apoiando-se nela. Ela relaxou de volta nos travesseiros e o seu peito pressionando contra o dela, a sensação dele divino e delicioso.

Ele gemeu, um som baixo e gutural que enviou um tremor através dela, e seus olhos se fecharam. Quando ele quebrou o beijo pra respirar, o senso tomou conta dela e ela considerou o que estava fazendo.

Ela estava beijando um anjo.

— Espere. — Ela pressionou suas mãos contra o peito dele.

— Não, — ele respirou e a beijou novamente, varrendo sua língua pelos seus lábios brincando com ela. — Eu não quero parar.

Serenity cedeu por um momento, derretendo sob a sensação de suas mãos deslizando nos lados do seu corpo, levando o cetim com elas, subindo para seus seios. A realidade retrocedeu novamente quando as mãos dele chegaram aos seus seios e ela empurrava mais contra ele.

— Pare.

Apollyon recuou, inclinando-se sobre ela, sua respiração ofegante lavando seu rosto.

— Há algo de errado? — Seus olhos azuis questionaram os dela.

— O que você está fazendo?

Ele franziu a testa. — Exatamente o que eu quero fazer pelo menos uma vez.

Ele baixou a cabeça para beijá-la novamente e ela quase cedeu. Quase. Ela apoiou as mãos contra o peito dele e se recostou, então ele não podia alcançá-la

— Você quer isso, — ele sussurrou e acariciou seu corpo pelos lados, chegando mais perto de seus seios. Ela estremeceu, abalos pequenos de felicidade deslizando em sua pele. Ele estava certo, ela queria, mas ela não conseguia simplesmente superar o fato de que ele era um anjo.

— Você não vai ter problemas? — Ela procurou seus olhos. — Eu não quero que você tenha problemas.

Ele sorriu e sua resistência derreteu um pouco. — Eu não vou. Você me deixa louco. Eu preciso de você, Serenity. Estar perto de você esta noite, ver você rindo, sorrindo, feliz por minha causa... Eu quero fazer você se sentir assim outra vez, e eu sei que você quer isso também. Em algum lugar ao longo da linha nesta noite, isso deixou de ser uma farsa para mim. Tornou-se real.

Ele alisando seu cabelo do outro lado do cobertor rosa escuro, com os olhos calorosos e honestos, fazendo jus as suas palavras. Ele não estava mentindo, e ela não podia negar sua atração por ele e a maneira que ele a fez se sentir.

— É o mesmo para você? — Ele olhou esperançoso.

Serenity não hesitou. Ela assentiu com a cabeça. — É... Eu só... Mesmo que suas asas se foram, ficou muito mais difícil de me enganar, mas eu sei que você é um anjo... Isso-

Apollyon pressionou um dedo em seus lábios. — Esqueça tudo e o que todo mundo disse sobre nós. Podemos ficar com mortais como se fôssemos livres para fazer o que quisermos. Além disso, você é o meu mestre agora. O que quiser de mim, você terá, mas resistir você está se tornando impossível.

Ela se sentia da mesma maneira. Ela tentou duramente, mas ela não queria resistir a ele agora. Ela queria se entregar a ele, e cumprir o desejo profundo de ter seu corpo sobre ela, para se afogar em seus beijos e perde-se no momento.

Apollyon fez sua noite feliz. Ela se sentia como se Edward nunca tivesse existido e que estar nos braços de Apollyon era suficiente para trazer um sorriso de volta ao seu rosto.

Ele tinha a feito rir pela primeira vez em semanas.

Mas nada disso apagou o medo em seu coração de que ele fosse desaparecer quando ele tivesse sua vingança e então ela ficaria sozinha novamente.

Ela trancou as vozes que avisavam para não ir completamente com ele e passou a mão sobre os ombros fortes de Apollyon, acariciando sua pele em bronze e sentindo o seu calor.

— Para onde foram suas asas?

— Para nenhum lugar. — Ele olhou para a mão esquerda dela onde ela tocou seu ombro direito e depois de volta em seus olhos. — Eu posso mantê-las assim se eu me concentrar, mas só funciona por um período curto. Era desconfortável dormir com elas. Você gostaria que as trouxessem de volta?

— Não por agora. — Serenity correu as mãos até o seu pescoço e depois para a mandíbula e acariciou a linha quadrada do mesmo, o seu olhar vagou para o rosto dele e ela guardou na memória. Ela nunca iria esquecê-lo, e ela não era susceptível de encontrar um homem tão bonito como ele novamente. — No momento, eu gosto do jeito que você é.

— Nu? — Ele disse e ela não pôde deixar de sorrir com sua expressão inocente.

— Nu, — ela sussurrou, não precisando olhar para saber que o pouco que ele estava usando havia ido embora. Ela deslizou sua mão ao redor da nunca e puxou-o para ela. Com um sorriso malicioso, ela estalou os dedos, fazendo-a escorregar o cetim e desaparecer, deixado-a nua debaixo das cobertas escuras.

Apollyon gemeu, seu olhar correndo sobre os seus seios com o desejo evidente, mesmo que seus mamilos estivessem escondidos. Como ele iria olhar quando ela estivesse nua diante dele? Ela não poderia esperar para descobrir.

Ela pressionou seus lábios aos dele e ele imediatamente inclinou a cabeça e fundiu sua boca em um beijo faminto. Ela deixou ir desta vez, sem pensar no amanhã, apenas pensando no agora e como é bom sentir os braços de Apollyon.

Ela não iria desistir disso para nada.

Se ele era corajoso para tomar o que ele queria, então ela também seria. Ela iria viver com as conseqüências e pagar o preço que ela tinha, afim de, dispor esse momento com ele.

A língua dele escovou a sua e ela gemeu e apertou seu ombro, puxando-o mais perto até o seu peito cobrir o seu novamente, suas mãos acariciando seus braços. Sua boca deixou a dela, e ele pressionou longos beijos abaixo de sua mandíbula e o seu pescoço. Ela levantou as mãos acima de sua cabeça e fechou os olhos quando ele beijou sobre a sua clavícula e depois para baixo em seus seios. A sua respiração foi para um suspiro e ela sorriu, torcendo seus cabelos em tornos dos seus dedos.

— Você tem um gosto bom. — Apollyon murmurou contra a sua pele e ela olhou para ele, encontrando o seu olhar. Ele atraiu o cobertor escuro para baixo, revelando as ondulações de seus seios, e o seu olhar deixou o dela. Ele gemeu, o som dele fazendo-a tremer com a antecipação, e ele baixou a cabeça para o seu seio direito. Ele beijou e lambeu o seu mamilo, enviando para fora faíscas a partir do seu centro e reacendendo as brasas do fogo que ele acendeu nela quando haviam dançado. Ela não conseguia tirar os olhos dele, pela maneira ele estava lentamente adorando o seu seio. O seu polegar roçou a parte inferior do outro e seus dedos se enroscaram encobrindo-o. Ele se moveu para ele, girando a língua em torno do pico rosado e enviando outra chuva de faíscas em sua pele. — Tão bom.

Serenity se arqueou para ele, pressionando o mamilo em sua boca, e ele gemia e a chupava. A aresta no meio das suas pernas pulsava quente e com necessidade, doendo para ter a sua atenção. Ele manuseou o outro mamilo, provocando-o para que permanecesse excitado e fazendo-a queimar por ele.

Ela queria tocá-lo também, para beijá-lo e provar sua pele. Ela queria lamber cada centímetro dele até ele gemer pelo seu nome e pedir por mais.

Ela passou as mãos sobre o seu bíceps, deleitando em traçar as linhas de seus músculos fortes. Apenas a visão dele a fez quente e incomodada, mas a sensação dele levou-a para além de, enchendo-a com uma vontade desesperada de empurrar as suas costas e fazer amor com ele.

Não é bem fazer amor.

O que se passava em sua cabeça em dez posições por segundo era definitivamente cru e animalesco, um acoplamento rígido que iria deixá-la com os joelhos fracos e fazer cada parte dela tremer.

Ela gemeu com o pensamento e a sensação de Apollyon em seus seios, levando-a para fora de sua mente com a sua tortura constante em seus mamilos. Seus seios tensos, doloridos pela a sua atenção, e ela passou as unhas para baixo em seus braços quando ele chupou mais duro, e empurrou os seios seus para cima. Ele deslizou a mão por baixo dela e segurou-a para ele, gemendo. Ela queria mais.

Serenity empurrou as cobertas, necessitando sentir seu corpo quente contra o dela, querendo o seu delicioso corpo sobre ela.

Querendo estar a sua mercê.

Apollyon saiu da cama e o olhar dela foi imediatamente para ele, descaradamente olhando seu preenchimento de seu corpo. Ele chicoteou os cobertores de cima dela e ficou ali, com seu pau duro longo se contorcendo e balançando, seu olhar faminto e escuro.

Serenity esfregou suas coxas juntamente, chamando a sua atenção ali, querendo senti-lo sobre ela e ver a paixão nos olhos dele quando ele olhasse. Havia muito desejo em sua expressão. Isso a fez se sentir poderosa, sexy e corajosa.

Apollyon gemeu quando ela passou as mãos sobre os seus seios, provocando os seus próprios mamilos, e depois franziu a testa quando ela moveu-as ao lado de seu corpo para baixo e mergulhou-as no ápice de suas coxas, tocando sua buceta.

— Diabo. — Ele sussurrou e andou ao redor da cama, eu olhar nunca a deixando. O peito dele arfava seus músculos esticando e fortes. Ele parecia incrível. Ela não parou. Cada vez que ela varreu as mãos sobre o triângulo dos cabelos encaracolados no ápice de suas coxas, ele gemia e seu pau tremia.

Serenity lambeu os lábios. Ela queria provar isso também. Ela queria embrulhar seus lábios ao redor de cada centímetro duro dele, e levá-lo profundamente a sua boca, e chupá-lo até que ele estivesse chorando seu nome para os céus e apertando-a contra si.

Apollyon franziu a testa quando ela subiu em seus joelhos e se arrastou em direção a ele, onde ele estava ao pé da cama.

Ela se ajoelhou diante dele e segurou o seu olhar escuro quando ela levemente colocou os dedos em torno de seu cumprimento duro. Suas pálpebras deslizaram para a metade quando ela moveu sua mão para baixo, expondo a coroa de seu pênis, e ele estremeceu.

— Quando tempo faz desde que você teve uma mulher? — Ela sussurrou para ele, com a intenção de obter uma resposta, quando ela estava a sua mercê. Ela queria ouvi-lo de novo, para saber que ele estava dizendo a verdade.

— Muito tempo. — Ele murmurou e depois abriu os olhos e olhando para ela quando ela não continuou. — Muitos séculos. Eu não menti para você, Serenity. Eu estive no inferno há milênios e a única mulher que eu realmente olhei durante um tempo foi você.

O coração dela bateu com força contra seu peito.

*Resposta certa.*

Serenity voltou seu olhar ao comprimento duro e passou a mão para baixo novamente, elaborando outro gemido de Apollyon.

Ela se inclinou para frente e ele engasgou quando ela lambeu a cabeça de seu pênis. As mãos dele foram imediatamente sobre seus ombros, seu aperto firme beirando dolorosamente. Ela não parou. Ela passou a língua na coroa e provou-o. O calor aquecendo no ápice de suas coxas com o pensamento dele dentro dela, tomando-a todo o seu ser. Ela queria isso. Era uma tortura esperar, mas ela iria. Ela queria conhecer ele todo e depois queria que ele a conhecesse por dentro.

Apollyon gemeu novamente quando ela colocou a boca cobrindo o seu pênis e chupava-o, movendo para trás e para frente, seus olhos fechados em concentração. Ele emaranhou uma mão em seu cabelo. Ela segurou seu pênis firmemente com a mão direita e jogou a língua sobre a cabeça sensível, provocando outro gemido profundo dele. A sensação de aperto dentro dela aumentou a cada gemido que saia de seus lábios, o sentimento de poder cada vez maior sobre ele também e fazendo a sua fome crescer. Ela chupou-o mais duramente,

segurando-o ainda com a mão para que ele não pudesse estocar. Ele tentou, com movimentos curtos de desespero acompanhados de gemidos estrondosos. Ela estava no controle agora.

Ou assim ela pensou.

Antes que ela pudesse descobrir o que estava acontecendo, ele tinha saído de sua boca e de sua mão e ela estava de costas na cama. Ela engasgou quando ele enterrou o rosto entre suas coxas e lambeu o comprimento de sua buceta, enviando uma onde de choque através dela. Ele agarrou seus tornozelos, enganchando-os sobre seus ombros largos e, em seguida, levantando a sua parte inferior da cama, então, apenas os ombros dela e a cabeça estavam na cama.

Serenity gemia e se contorcia sob a carícia aquecida de sua língua, segurando os lençóis em sua luta firme e silenciosamente implorando por mais. Ela queria gozar. Ela queria explodir em mil pedaços pequenos em seus braços e sob a ministração de êxtase de sua língua. Ele brincou com seu clitóris, enviando espinhosos formigamentos quentes, varrendo sobre sua barriga e coxas, e enganchou as mãos sobre suas coxas, ancorando-a para o seu mundo.

Ela se contorceu, esfregando sua buceta contra o seu rosto, desesperada por uma pincelada de sua língua que a levava ao longo da borda.

Ela estava tão perto.

Apollyon a libertou antes de acontecer, baixando as pernas de seus ombros com uma respiração difícil. Ela ofegou junto com ele, tentando reunir seus sentidos dispersos, e se remendando novamente juntos.

Seus olhos se abriram e ela encontrou seu olhar escuro com fome, tremendo sob a intensidade do mesmo, e a sensação de calor quando ele correu para baixo de seu corpo, demorando-se nos seus seios e coxas. Ele agarrou seus quadris e arrastou-a até a beira da cama. Seu pênis duro pressionando seu clitóris e ela gemia ao sentir-lo, e com o pensamento de empurrar para dentro dela. Ela se esfregou contra ele, desesperada pelo clímax, também quente para esperar.

Ele pressionou seus quadris na cama, impedindo-a, e seu olhar encontrou com o seu novamente. A paixão entre eles, a necessidade prima, falou com ela. Isso a fez se sentir viva, a fez queimar mais quente. Ela libertou as pernas ao lado de seus quadris e correu seus pés sobre os músculos de seu estômago acentuando a seu peitoral. Ele beijou o seu tornozelo, segurando-o levemente em uma mão, e apoderou do outro, os trazendo para descansar em seus ombros.

Serenity esperou, seus olhos nos dele, chamando-o para o seu corpo.

Ela suspirou quando ele correu a cabeça do seu pênis sobre a sua buceta, provocando o seu clitóris com ele, conduzindo-a até a borda novamente e, em seguida, fechou os olhos quando ele lentamente a preencheu. Centímetro após centímetro. Ela tremeu ao sentir crescendo dentro dela, indo fundo em seu corpo, até que seus testículos fizeram cócegas na sua bunda. Foi divino.

Suas pernas escorregaram, pegando em seus braços e descansando ali com os joelhos em seus cotovelos. Ele agarrou seus quadris e ela abriu os olhos novamente, com a intenção de ver como ele a tomou. Outro gemido escapou-lhe quando ele deslizou o seu comprimento quase totalmente para fora e o seu gemido aderiu quando ele deslizou de volta, profundo e lento, até que seu osso pélvico escovou o seu clitóris descarado.

Ele retirou-se novamente, desta vez mais rápido e empurrando de volta, construindo gradualmente o ritmo até que fosse difícil de manter a sua concentração sobre ele e não fechar os olhos. Ela colocou as mãos sobre ele e as manteve. Ele gemeu e empurrou mais forte, o seu corpo inteiro ficou mais tenso e o controle sobre suas coxas começaram a doer. Ela não se importou. Ela queria sentir o seu poder, precisava senti-lo dentro dela. Ele bombeava duro e profundo, seu osso pélvico batendo contra seu clitóris cada vez que seus quadris se encontravam, enviando seus seios a balançarem. Seus músculos ficaram tensos em torno de seu pênis, gemendo com ele, baixo e profundo, em uma busca desesperada para a liberação.

Que veio em um flash ofuscante, enviando uma onda de calor escaldante sobre seu corpo. Suas coxas formigavam. Ele não parou. Ele ficou mais duro, longas estocadas que construiu o fogo dela novamente, até que ela estava gemendo e segurando suas mãos, suplicando por mais.

Apollyon gemia cada vez que ele entrava nela, enchendo o quarto com o som. Foi gutural e quase animalesco quando ele estocava cada vez mais rápido, até que ela estava a ponto de desmoronar em pedaços novamente.

Serenity arqueou as costas, sufocando o seu pênis na sua profundidade quente, e desenhando uma estocada dura com ele como resposta. Ela fez de novo, provocando-o, tentando atraí-lo até a borda com ela. Ele ergueu a sua bunda da cama e arrancou um gemido de sua garganta quando ele mergulhou mais profundo, tomando tudo para ele. Ele deu um gemido que ela pensou que fosse um rugido baixo e bateu em seu núcleo, seu pênis latejando e derramando sua semente quente. A mão dele mergulhou entre eles e ela gemeu com a sensação do seu dedo indo para dentro dela e o seu polegar varrendo o seu clitóris a

fazendoela gozar, seu corpo ordenhando. Ele segurou-a ali, gemendo baixinho quando os músculos dela apertaram o seu pau amolecido.

Ela correu o olhar pelo seu corpo. Um fino brilho de suor cobria-o agora, sua pele brilhava com isto e irradiando poder e beleza. Ela precisou de um momento para encontrar coragem de olhar nos olhos dele. Quando ela fez, ela descobriu que ele estava sorrindo para ela, seus olhos uma sombra azul vívido agora como se o seu clímax os havia afetado.

Ele a abraçou ainda assim, permanecendo dentro dela, com as pernas enganchadas sobre os seus braços.

O seu pênis estremeceu e os olhos dela se arregalaram, quando ele varreu o seu olhar sobre seu corpo e ela sentiu-o crescer duro novamente.

Ele lhe deu um sorriso malicioso e retirou-se dela, somente se inclinando sobre ela e chupando os seus mamilos.

Serenity olhou para o teto, perdida no calor nebuloso de dois orgasmos e sentiu que estava indo em breve para um terceiro.

E talvez um quarto.

E ele disse que ela era um demônio.




**APOLLYON ESTAVA DEITADO** na cama, o edredom rosa escuro cobrindo-o da cintura para baixo, e sorrindo de orelha a orelha. Ele nunca havia se sentido tão relaxado. Serenity dormia ao seu lado, enrolada com as mãos em torno de seu braço direito e sua bochecha pressionada contra ela. Sua respiração era suave e lenta. Ele retirou os fios louros de seu cabelo loiro desonestos de seu rosto, para que ele pudesse vê-la melhor e ficou contente como ela estava. Ambos haviam se divertido na noite passada.

Quando ela começou a mostrar sinais de cansaço, ele havia parado e se contentou em vê-la dormindo, apreciando o sorriso que havia em seus lábios muito tempo depois que ela havia começado a sonhar. Ela era bonita quando dormia, linda, quando estava acordada, linda quando ela gritava seu nome durante seu clímax.

Ela tinha feito isso algumas vezes.

Qualquer mortal dentro, pelo menos, duas milhas e qualquer mortal em seu prédio teria ouvido ela. Ele sorriu, sentindo-se orgulhoso pelo fato de ter conseguido fazê-la gritar com toda força de seus pulmões. Ela havia corado violentamente depois e, em seguida, explodiu em risos. Ele amou o jeito que ela riu. Ele amou que fora por causa dele.

O sol havia subido, lançando luz quente por todo o quarto através das cortinas de Mussolini branca. Ele não havia dormido muito a final. Ela tinha o fascinado muito e ele havia assistido ela o tempo todo. Isso foi de madrugada, antes de perceber isso, porque ele deve ter dado um cochilo por um tempo, descansando em seus braços. Ele nunca dormiu com alguém perto antes – realizado próximo deles, sentindo protegido em seu braço e satisfeito. Agora ele estava bem acordado, enquanto o seu anjo dormia. Ele queria acordá-la, e tê-la olhando para ele para ver o sorriso dela, mas ela precisava descansar.

Ela havia passado por muita coisa recentemente e ele tinha visto como isso a tinha afetado. Seu sorriso tinha desaparecido, mas ele trouxe de volta e sentiu como se tivesse feito o sol brilhar novamente.

Apollyon pressionou um leve beijo na testa dela e gentilmente tirou as mãos do seu braço. Ela murmurou um protesto silencioso, franziu o nariz, e se encolheu para baixo das cobertas. Ele saiu da cama e puxou as cobertas até seus ombros, aconchegando ela dentro.

Ele vestiu sua próprio calção preto, e saiu em silêncio do quarto, atravessando a sala de estar para a cozinha. Que estava escuro na pequena cozinha e a sala de jantar. O sol não atingia em torno deles pelo lado do prédio. Seus ombros coçavam e ele os revirou, tentando aliviar a tenção crescente ali. Suas asas queriam sair. Ele não havia confinadas por todo esse tempo, em séculos. Ele não precisava. Dormindo sobre elas tinha sido doloroso e que havia tomado muito esforço para fazê-las desaparecer. Serenity parecia gostar dele sem asas. Ele tinha feito o que ela tinha pedido, para desaparecer de qualquer maneira.

Ela pensava que os anjos eram santos.

Ele teve certeza que a teoria contestou na noite passada.

Ele sorriu, levantou a trava da porta francesa, e saiu para a varanda.

O sol estava alto e brilhava em suas costas quando ele chegou à grade preta da varanda, o aquecimento de sua pele até a sua tensão derreteu. Ele desenrolou suas asas com um bater forte, espalhando-se para alongar por todo o comprimento da varanda. A sensação foi boa para libertá-las por um tempo. Ele sumiria com elas antes de Serenity acordar. Ele não queria assustá-la, agora que estava fazendo progressos com ela. Ele não tinha certeza se a visão de suas asas faria isso, mas ele não quis arriscar.

Será que seus companheiros guerreiros têm esse problema?

Ele desejava que houvesse um nas proximidades para que ele pudesse falar com eles sobre isso.

Apollyon olhou para fora sobre os telhados de ardósia cinza do subúrbio de Paris. Havia uma avenida arborizada abaixo, escondida nas sombras. O som tranqüilo de carros que passavam cortando o silêncio, adicionando um ruído de fundo para ele que fazia o mundo inteiro se sentir em paz.

Seus companheiros guerreiros, provavelmente, não haviam caído para uma bruxa.

Um sorriso puxou seus lábios novamente. A bruxa. Ela se preocupava com o que as pessoas fariam dele se eles pudessem ver as suas asas negras. O que eles fariam dela se soubessem que ela possuía poderes que eram apenas reais na imaginação da maioria dos seres humanos?

— Mmm, você está aí. — Sua voz abafada, preguiçosa e cheia de felicidade que ele podia sentir dentro dela. Ele fechou os olhos quando ela passou as mãos acima de suas costas para seus ombros e acariciou o início de suas asas.

Droga, que se sentiu bem.

Apollyon continuou assim, desfrutando a sensação de suas mãos correndo sobre suas penas, e não queria assustá-la. Ela riu quando ele dobrou as asas, a luz do som no ar. Seu sorriso se alargou. Ela colocou suas mãos para baixo na parte exterior de suas asas, arrepiando suas penas flutuantes, seu toque leve e suave.

— Eu gostaria de ter asas, — ela sussurrou.

Ele se virou lentamente para encará-la. — Você gostaria?

Ela sentiu com a cabeça e lançou um olhar sobre elas. — Elas são lindas. Se eu tivesse asas, eu nunca parava de voar.

— Você está começando a soar como um anjo. Nós amamos nada mais do que voar.

— Sério? Nada mais do que voar? — seus lábios se curvaram em um sorriso e uma pitada de cor tocou o seu rosto. — Poderia ter me enganado.

Ele sorriu para a insinuação dela. Ele amava isso também, mas o vôo tinha um lugar especial em seu coração, como ocorria com todos os anjos. Levando-a na noite passada, até a Torre Eiffel, ficando com ela em cima no topo, tinha sido mágico e fez-lhe perceber o quão profundamente ele havia perdido estando preso no inferno. Ele não queria ir, poderia ter

ficado lá a noite toda com ela em seus braços, aninhada com segurança em suas asas, mas ela tinha sentido frio e beijá-la se tornou muito tentador.

— Venha para dentro e eu vou preparar para nós um pequeno almoço. — Ela caminhou em direção as portas.

O seu olhar caiu para o seu corpo e ele prendeu um gemido. A visão dela com um tecido pequeno vermelho escuro deslizando, ele ameaçou tirá-lo de novo. Ele olhou para suas longas pernas delgadas, e para sua bunda enquanto ela caminhava. Divina.

Ele estava olhando para ela, tanto que esqueceu suas asas. Ele bateu contra o batente da porta. Ele fez uma careta e focou tentando fazê-las desaparecer.

— Você poderia simplesmente evitar como você fez na noite passada.

Apollyon parou e olhou para ela. Ela estava aprovando suas asas agora? Este pensamento e o brilho carinhoso em seus olhos cor de avelã fizeram o sorrir. Ela estava ficando mais confortável com ele.

Ele abaixou e manteve suas asas dobradas de modo que ele não batesse mais nada na sala de jantar.

Serenity entrou na pequena cozinha pálida, abriu uma caixa alta e branca que ele reconheceu como uma geladeira, e olhou para dentro. Ele viu o leite e o queijo, e outros alimentos que ele não conseguia identificar. Estudar o mundo mortal de uma distância tinha suas desvantagens. Na maioria das vezes, as pessoas não mencionavam seus nomes quando eram chamados para que ele não pudesse ouvir seus nomes.

Às vezes, ele recebia documentos de informação que o mantinha atualizado com as últimas invenções, então ele estava preparado para ser chamado para a Terra, ou outros anjos lhe diriam coisas que eles haviam experimentado se tivessem uma razão para vir para o inferno.

Seu estômago roncou. Ele tinha esquecido o quanto de energia ele usou estando na Terra. Ele não precisava comer quando ele estava no inferno. O tempo passou e ele estranhamente não era realmente imortal na superfície. Na Terra, eles eram diferentes. A fim de ajustar, certas partes dele mudavam ou desligavam, e em outras partes ligadas. A fome era uma delas.

Serenity inclinou-se, revelando a curva de seu traseiro nu.

Seu corpo doeu ao ver.

A luxúria apareceu novamente.

Mas ele estava começando a sentir que isso era algo diferente de luxúria.

Ela tirou um pote da geladeira e pegou uma máquina preta da parte de trás do balcão da cozinha. Ele estudou os movimentos dela, aprendendo e curioso. Ela encheu uma jarra de vidro grande de água e despejou na máquina. O que ela está fazendo?

— Você quer um café? — Seu sorriso alegre ficou tímido. — Talvez não.

Ela tinha descoberto que o café tinha efeito sobre ele. Ele entrou na cozinha, até que ele ficou perto dela.

— Eu poderia uma xícara, se você tomar. — Ele arrecadou o seu olhar sobre ela, memorizando as curvas sutis, escondida debaixo de sua combinação de cetim vermelho.

Seu rosto combinava com a mesma cor do cetim quando seus olhos encontraram com os dela.

— Você está com fome?

— Faminto. — Ele a puxou contra ele e a beijou, deslizando as mãos sobre seus quadris. Ela colocou as mãos sobre o seu peito e ele pensou que ela fosse o deter novamente, mas em vez disso, ela gemeu e o beijou, os lábios dela dançando suavemente sobre o seu fogo, mexendo em suas veias.

Apollyon a apertou contra o balcão da cozinha e a acolheu em seus braços, suas línguas se entrelaçando e roubando seus gemidos ofegantes. Ele gemeu e a beijou mais profundo, libertando a sua paixão e fome, deixando-a construir dentro dele. Seu corpo respondeu à sensação do beijo e mãos dela vagando sobre seu peito, quente contra a sua pele, queimando-o onde quer que ela toque.

Ela se afastou, respirando com dificuldades e sorriu.

Ele olhou para sua boca com fome de beijá-la novamente, encontrando dificuldades para dar a ela um momento para recuperar o fôlego. Ela rodou embaixo do braço e fora de seu alcance, indo de volta para a máquina preta e apertou um botão. Ela começou a fazer ruídos.

— Você quer tomar banho? — Ela se virou para ele.

— Com você?

Ela corou novamente. — Eu estava pensando sozinho.

— Eu tenho estado sozinho muito tempo. — Ele sorriu, mas vacilou franzindo a testa com a súbita sensação de vazio dentro de si. Ele havia sido feliz um momento atrás. Antes disso, ele estava satisfeito. E antes de conhecê-la ele se sentia bem.

Ele havia estado sozinho.

Conhecê-la o fez perceber isso. Ele havia observado tanto ela, que tinha perdido a consciência do sentimento. Ele tinha ido ao fundo de sua mente, colocado lá freqüentemente, que ele a via na piscina. Ela tinha afugentado sua solidão, mesmo naquela época, fazendo-o sentir como se ele não estivesse à sua espera para sempre e ele não estava sozinho. Ele tinha conhecido ela, a estudado, espreitado como ela mesmo disse, e ele nunca tinha percebido.

Não antes de conhecê-la.

Ele havia observado ela na piscina, havia observado o seu sorriso e sua risada, cada um deles tocando seu coração, sem ele saber, e sentiu a sua dor quando ela estava triste e magoada. Ele respondeu a ela, destinado para ajudá-la e fazê-la se sentir melhor, para que ela ficasse feliz novamente.

Ela tinha o chamado.

Ele havia respondido por que ele tinha sentimentos por ela.

Apollyon ficou tenso quando os dedos dela levemente escovaram sua bochecha. Ela estava em pé diante dele, sorrindo em seus olhos. Um sorriso para ele. Que ele havia trazido de volta e agora ela sorriu mesmo quando estava confusa.

Seus sentimentos percorreram seu toque indo para dentro dele, profundamente em seu coração. Ela estava preocupada e ele sabia o que ela iria perguntar.

— Porque você está assim tão sério? — Ela sussurrou com uma pequena careta, procurando seus olhos, como se eles lhes respondesse.

Ele pegou a mão dela, beijou a palma da mão e sorriu. Ele tinha sentimentos por ela. Ela poderia amá-lo? Era realmente possível para um mortal amar um anjo? Ele queria mais do que nunca que alguns de seus companheiros guerreiros estivessem em Paris para que ele pudesse perguntar-lhes e facilitar a estranha sensação de aperto no seu peito. Medo. Ele jogou para fora. Ele nunca tinha sentido medo, nem mesmo quando ele enfrentou o Diabo e lançou-

o no Inferno por milênios. Ele não ia começar agora. Ele não ia ter medo de Serenity. Ele iria fazê-la cair por ele.

Ele faria com ela o amasse.

— Não é nada. — Ele beijou a mão dela novamente e então seu pulso, trabalhando seu caminho até o cotovelo. — E aquele banho?

— E quanto ao café?

Apollyon sorriu, levantou-a sobre o balcão da cozinha, e instalou-se entre suas coxas. Ele no chão e sua ereção na virilha dela.

— Eu não preciso de café. — Ele esfregou-se contra ela. O balcão da cozinha era uma boa altura, perfeito na verdade.

— Eu posso ver isso. — Ela passou as mãos em torno de seus quadris. — Nós podemos tomar banho mais tarde.

Ele gostou de como isso soou. Mais tarde eles poderiam captar de onde pararam na noite passada. Agora, porém, ele ia fazer amor com ela e mostrar para ela que isso não era luxúria que ele estava sentindo.

Serenity acariciou seus ombros e tocou suas penas novamente. Ele não iria as fazer desaparecerem. Ela tinha que ser sua com isto, enquanto ele parecia a si mesmo, não como um mortal. Ele não queria esconder qualquer parte dele com ela. Ele precisava que ela o aceitasse como um todo.

Apollyon colocou suas mãos acima de suas coxas, deslizando-as sob a bainha de seu vestido de cetim vermelho e levantou-o. Ele sofreu com a sua buceta nua e agarrou sua bunda, trazendo-a diretamente para a beira do balcão. Ela arrastou as pontas dos dedos em seu peito, sobre seu estômago, e seus dedos voltando para os seus quadris. Elas pararam lá, correndo ao longo pela cintura de seu calção preto. Ele podia sentir sua hesitação.

Ele sorriu. Ela não sabia como despi-lo.

Então, ele estava removendo por ela, mas ela estalou seus dedos e o calção sumiu e assim o deslizamento se foi. Onde ela envia as coisas quando ela faz isso? Ele empurrou sua curiosidade para longe e moldou suas mãos sobre seus seios, provocando um gemido dela, e então correu para baixo de seu corpo, traçando suas curvas. Ela suspirou quando ele acariciou suas coxas e depois mergulhou entre elas, provocando os lábios de sua buceta.

Apollyon abaixou a cabeça em seus seios, quando ela se inclinou para trás, plantando suas mãos contra o balcão atrás dela, e em sua boca chupava o mamilo direito dela. Ele deslizou uma mão em suas costas, estabelecendo-a em sua bunda, e deslizou o dedo do meio de sua outra mão em suas dobras. Ela estava escorregadia por ele, quente e úmida, sedutora. Ele mergulhou até seu núcleo e aliviou o seu dedo nela, ganhando um longo gemido. Seu pau doía e balançava, com fome de estar dentro dela.

Ela gemeu de novo e enroscou seus dedos em seus cabelos, soltando-o seu rabo de cavalo e segurando ele contra os seus seios. Ele lambeu seu mamilo, girando a língua ao redor do seu botão duro, e lentamente bombeou-a com o dedo, amando a sensação de sua profundidade aveludada quente em torno dele. Ele acariciou o ponto fraco dentro dela, correndo o dedo ao redor de seu clitóris, aplicando uma pressão para fazê-la suspirar e se agarrar a ele.

No momento em que ela apertou ao seu redor, ele puxou o dedo para fora e parou de tocá-la. Ela gemeu e passou as mãos em seu pescoço e sobre suas asas. Um arrepio atravessou por ele, quando ela se apoderou dele, segurando ele em um abraço forte, tão apertado que ele sentiu que ela não ia deixá-lo ir.

Ele beijou acima de seus seios para o pescoço, lambendo e chupando, desenhando uma mistura de risos e gemidos dela. Ela se acalmou quando ele pegou o seu pênis e estabeleceu pelo comprimento de sua buceta, e depois suspirou aliviada quando ele colocou dentro dela, alongando o seu corpo apertado.

— Apollyon. — Ela o beijou, ainda segurando suas asas, agarrando-se a elas. O beijo dela foi lento, mas apaixonado, dominante de uma forma que ele não espera dela, e isso o emocionou.

Ele pegou sua cintura e segurou-a firme enquanto ele lentamente empurrava dentro dela, longas estocadas que ele iria se desfazer em pouco tempo, mas o som de seus gemido em sua boca valeu à pena. Ela o beijou mais profundo, suas línguas entrelaçadas, ela controlando suas asas apertadas e inflexíveis.

— Apollyon, — ela sussurrou contra seus lábios entre beijos, isso fez com ele tomasse mais profundo dentro dela, lutando para manter seu ritmo lento. Ele a recolheu em seus braços, beijando-a, movendo-se entre os seus braços, sentindo a intensidade de seus corpos como uma fusão. Ele podia sentir os seus sentimentos, podia experimentar o prazer que irradiava através dela, pulsando em ondas que caiu sobre ele, e ameaçava o levar para longe com ela.

Parecia diferente a noite passada, quase esmagadora na força da emoção que evocou nele. Ele abraçou-a, mergulhando seu corpo no dela, buscando uma conexão mais forte entre eles para que ele pudesse saber que isso significava algo pra ela também.

Suas mãos deixaram as asas dele e ela segurou seus ombros, puxando-o mais para perto dela e envolvendo suas pernas em torno da cintura dele, até que ele mal conseguia se mover dentro dela. Ele empurrou superficial e lento, desenhando o momento para fora, querendo que isso durasse para sempre. Seus lábios jogados sobre os seus, tão suave quanto a sua vida amorosa, e ele se perdeu.

Ele procurou os seus sentimentos, tentando descobrir como ela se sentia, a necessidade de saber o que significava para ela. Tinha que ser mais do que luxúria. Ela tinha quer querê-lo também.

Ele sentiu o momento em que rompeu qualquer barreira de Serenity que o mantinha à distância, e seus sentimentos tomaram conta dele, quente e cheio de carinho, aquecendo o seu coração até que ele sentiu como se fosse derreter. Ele sentiu sua confusão também, seu sentimento crescendo e o assustando. Encheu ele, envolveu-o em seu abraço, até que eles se juntaram ao seu. Ela podia senti-lo também, agora? Ele a queria. Ele se abriu com ela para que ela sentisse suas emoções e soubesse que ela não estava sozinha. Ele sentia algo por ela também. Isto foi mais do que luxúria e fome. Isto foi mágico.

Ela escondeu o rosto no pescoço dele e seus dedos em seus cabelos, segurando-o, agarrando como se ela quisesse que isso nunca acabasse também.

Apollyon impulsionou mais profundo dentro dela novamente, longas estocadas que provocou gemidos ofegantes dela, tomando conta de sua pele. O corpo dela ficou tenso ao redor dele, e ele encostou-se ao balcão, segurando a parte traseira dela pra que ela não caísse, e dirigiu mais duro dentro dela. Seus gemidos ficaram mais altos, e ele gemia com ela cada vez que enfiava o seu pênis em sua profundeza quente, em busca da liberação, querendo sentir o seu clímax.

Ela jogou a cabeça para trás e pronunciou o seu nome quando ela veio, seu corpo tremendo e apertando-o, chamando-o para se juntar a ela. Ele mergulhou o seu pênis na sua profundeza e pronunciou o nome dela, latejando quando ele derramou-se, respirando com dificuldade quando seu coração trovejava e seu corpo tremia.

Ele ainda estava no momento, recuperando o fôlego, agarrado a ela, não querendo deixar seu corpo quente e, então, abriu os olhos e olhou para ela.

Ela sorriu timidamente. — Eu acho que nós poderíamos tomar banho agora.

Ele concordou, retirou o pênis dela, e colocou-a para baixo. Ela foi para dentro da sala de estar.

Apollyon passou a segui-la e então parou. Ele olhou de volta para máquina de café. O conteúdo preto da jarra de vidro chamando por ele.

Ele sorriu.

Talvez ele pudesse se erguer antes do banho.

Ele pegou um copo e derramou um pouco de café para ele. Estava quente, mas isso não o impediu. Ele soprou algumas vezes e, em seguida, tomou um gole dele. O efeito foi instantâneo. Seu pênis se contorceu e ele gemeu com o pensamento de tomar banho com Serenity. Ele tomou um gole de café, fazendo uma careta quando ele engoliu o líquido quente, e depois foi atrás dela, sua ereção crescendo mais dura a cada passo.

Ela não foi difícil de encontrar. O chuveiro já estava ligado no momento em que ele encontrou o banheiro fora do quarto. Ele empurrou a porta e ficou ali um momento, o pau duro e doendo ao vê-la sob o jato de água, suas mãos rodando pelo corpo.

Ele queria fazer isso por ela.

Ele se concentrou e jogou suas asas para longe, até que elas diminuíram e desapareceram em suas costas. Que não era bom obtê-las molhadas. Elas levavam horas para secar.

Serenity sorriu e afastou os cabelos molhados loiros para trás, ele passou as mãos em sua cabeça quando ele entrou na cabine pequena do chuveiro ao lado dela. Não havia muito espaço, mas ele não precisa dele para o que ele estava planejando.

Ele pegou o sabonete dela, ensaboando em suas mãos, e correu sobre o corpo esbelto dela. A sensação suave escorregadia dela sob o seu toque era incrível. Ele lavou os lados do seu corpo escorrendo até sua buceta, o sabão saiu de suas mãos sob o jato de água quente. Ela gemeu quando ele deslizou os dedos em suas dobras e encontrou o seu clitóris, provando-o com os dedos. Ele a queria.

Ela abriu os seus lábios no que parecia ser um protesto quando ele a ergueu e ele silenciou-a com um beijo, sua língua saqueando sua boca. Os seus dentes chocaram-se quando ela começou a devolver o beijo, seus movimentos agitados e desesperados quanto o seu. Ele

não podia fazer lento e sexy nesse momento. Ele precisava estar dentro dela novamente e do jeito que ela gemia em sua boca, suas línguas entrelaçadas e como ela estava excitada ainda, dizia que ele não era o único que precisava.

Apollyon a prendeu no azulejo branco com o seu corpo, o chuveiro pulverizando contra suas costas. Água passando por cima de suas nádegas e coxas nuas. Serenity abriu as pernas e envolveu-as em torno de seus quadris e ele gemeu, beijando mais duro, despejando a fome frenética que martelava em suas veias no beijo.

Ele segurou-a com uma mão, tornando sua força mais difícil de mantê-la lá, e pegou seu pênis com a outra. Ela gemeu quando ele guiou para sua abertura e depois empurrou dentro dela, profundo e duro. Ela apertou seus ombros, suas unhas cavando, e ele agarrou seus quadris.

Sua língua duelou com a sua, lutando pelo domínio de que ele não iria dar a ela neste momento. Ele segurou seus quadris, a levantou e retirou o seu pênis e depois a colocou no chão e enfiou-se nela novamente, em sua profundidade quente, alegando que seu corpo era seu. Ele empurrou rápido e forte, saqueando seu corpo, impulsionado pela fome-prima e a necessidade escura dentro dele. Ele tinha que tê-la. Ele não iria deixá-la ir agora, nem nunca.

Ela gemia a cada estocada profunda de seu pênis, cada vez que ele levava sua força nela, ela se agarrava a ele, beijando-o com uma paixão que combinava com a sua própria.

Isso era brutal e frenético, uma reunião caótica de seu desejo e paixão, um comprimento bruto e primitivo de sua fome um pelo outro.

Isso era êxtase.

Ela gritou quando seu clímax veio, seu corpo tremendo contra ele e seu núcleo de seda morno ordenhando seu pênis. Ele enterrou seu rosto em seu pescoço, grunhindo com cada mergulho de seu pênis dentro dela, querendo prolongar cada golpe, até que ele não agüentou mais. Ela cerrou os músculos ao redor dele, gemendo em seu ouvido, e isso foi demais. Ele gemeu e segurou-a em seu comprimento duro quando veio, seu coração batendo forte e sua cabeça girando com ele.

Céu.

Ele havia estado no Inferno por séculos, e a gora ele tinha encontrado o céu.

E ele não iria desistir dela.

Ele precisava muito dela.




**SERENITY SENTIA DORES** em todos os lugares bons de seu corpo. Ela caminhava ao lado de Apollyon na calçada larga dos Champs Elysees[3], segurando sua mão e com um sorriso de orelha a orelha. Como ele a fazia sorrir tão facilmente? Não era o sexo. Que era fantástico, mas não era o motivo. Era só ele. Era só ela olhar para ele, que ela sorria, mesmo contra a sua vontade.

Ele estava olhando para frente, observando as pessoas vindo na direção deles, o tráfego, tudo. Tudo parecia interessá-lo. Quando ela estava olhando para o seu perfil bonito por um minuto, ele virou a cabeça e olhou para ela. Ele sorriu e o seu coração acelerou em sua garganta. *Ele precisava de uma licença para aquele sorriso. O efeito que tinha sobre ela era definitivamente ilegal.*

Ela virou seu olhar para longe dele, olhando para o céu escuro. Era uma noite bonita e mesmo que as estrelas estivessem fracas, ela sentia como se estivesse vendo-as brilhando acima dela.

---

[3] CHAMPS ELYSEES - é uma prestigiada Avenida de Paris, na Franca. Com os seus cinemas, cafés, lojas de especialidades luxuosas e árvores de castanheiros-da-Índia, a Avenue des Champs-Élysées é uma das mais famosas ruas do mundo

Eles estavam quase no final da avenida comercial, perto do Louvre[4], e ela suspirou. Ela não queria ir e enfrentar Edward novamente, mas Apollyon tinha insistido em fazer o seu dever para com ela e eles estavam o procurando. Ele não estava no primeiro bar que eles tinham tentado, ou no segundo. Havia um clube que Edward havia mencionado a ela mais de uma vez, então eles estavam indo para lá.

Serenity esgueirou um olhar para Apollyon. Ela estava feliz que ela pudesse ver através de seu glamour. Ele assegurou a ela que estava vestindo um terno escuro novamente, embora ela só pudesse ver sua armadura preta e dourada. Ao vê-lo muito pouco tinha suas desvantagens, agora que ela tinha superado a sua limitação.

Ele sorriu, como se soubesse o que ela estava pensando, e lançou o seu olhar azul sobre ela. A fome lhe disse que ele estava pensando a mesma coisa que ela. Ela havia escolhido o seu melhor vestido pequeno azul escuro de verão e juntamente com o sutiã que deu a ela a maioria de clivagem. Ela queria os olhos de Apollyon sobre ela esta noite. Ela precisava ter ele olhando para ela, porque aumentava a sua confiança de uma forma que a sua atenção parecia gravitar em torno dela o tempo todo, e a maneira como ele olhava como se quisesse comê-la.

Alguma coisa sobre ele a trouxe para vida, libertando suas inibições. Ela nunca foi tão aventureira com um homem, e nunca se sentiu tão bonita ou adorada. Estar com Apollyon era o céu.

Ela adivinhou que era provavelmente o efeito do anjo.

Ela balançava sua mão para frente e para trás à medida que eles se viraram e caminharam por uma estrada que os levaram para longe do Louvre e do rio, e mais para dentro da cidade.

O clube era por aqui em algum lugar.

Eles levaram um tempo para encontrar e ela só conseguia olhar para as letras de néon por cima da porta, quando eles chegaram.

Não era o tipo de clube que ela tinha imaginado que seria.

Ela nunca tinha ido a um clube de dança exótica antes. Ela presumiu que significava exatamente o que sua mente conjurou. Dança do ventre. Atos eróticos no palco. Todos os tipos de coisas sórdidas.

---

[4] LOUVRE – é um dos maiores museus do mundo, que já foi uma fortaleza medieval e palácios dos reis da França.

Tudo o que sentiu foi uma coisa muito ruim para expor um anjo, até mesmo aquele que provavelmente tinha feito pior com ela ao longo das últimas vinte quatro horas.

— Algum problema? — A voz profunda de Apollyon era uma música para os seus ouvidos, que aquecia através de seu corpo tão rapidamente quanto às imagens dos dois juntos, que havia aparecido em sua cabeça.

— É um clube de strip. — Ela apontou para as letras.

— Que tal ir lá dentro e só ver se ele está lá? — Ele a levou para as portas e o homem os deixou passarem sem mesmo piscar e sem fazê-los pagar.

Apollyon tinha alguns poderes e ele não tinha medo de usá-los. Ela gostaria de se sentir tão confiante sobre seus próprios poderes. Sua mãe sempre lhe disse que ela tinha grande poder e poderia fazer qualquer coisa que quisesse se ela treinasse duro o suficiente. Ela nunca se sentiu confiante o suficiente para enfrentar seus poderes e aceitá-los. Agora ela foi embora. E estar com Apollyon lhe deu a força para parar de se esconder e dar um grande salto. Ela queria ser a melhor bruxa e dominar os seus poderes e ela iria.

Ele se abaixou quando eles passaram sob uma viga baixa e ela sorriu. Sua cabeça teria batido e suas asas seriam cortadas. Ela não pôde imaginar o quão estranho ele olhara para todos os outros, esquivando-se quando ele não precisava.

Algumas mulheres imediatamente o cercaram, vestidas com roupas íntimas minúsculas e sorrisos largos.

Apollyon a puxou para cima com ele, e ela se sentiu embaraçosa quando as mulheres a notaram, apertando a sua mão e se afastando, e elas foram em direção a outros homens que estavam sozinhos. Isso foi um alívio, embora, ele deixou bem claro que ele não estava sozinho. Ele queria que todos soubessem que eles estavam juntos? Ele queria estar com ela? Estar com ele na noite passada e hoje foi incrível e só fez ela o querer ainda mais, mas ela não tem certeza, onde isso tudo irá levar e se isso vai acabar do jeito que ela quer no seu coração.

Seu sonho agradável sobre eles ficarem juntos desapareceu quando ela viu Edward bem na sua frente com um grupo de pessoas, metade das quais eram mulheres muito jovens. Eles estavam todos rindo, bebendo, e enchendo com dinheiro as tangas das dançarinas no palco.

Ela desviou o olhar da mulher no pole dance, suas bochechas em chamas, e olhou para Apollyon. Ela o esperava olhando para a mulher, mas o seu foco estava sobre ela com seu intenso olhar azul e instantaneamente encontrou o dela.

— Você quer ir embora? — Ele franziu a testa e tocou o seu rosto com a mão livre, acariciando suavemente seus nervos.

Balançando a cabeça, ela procurou pela sua coragem e um lugar onde seriam observados por Edward, mas não pelos os outros. Ela não queria Apollyon olhando para outras mulheres. Que isso era infantilidade dela, mas ela o queria só para ela.

— Nós devemos sair. — Ele estava indo, mas ela o deteve segurando suas mãos nas dela. Ele olhou para ela. — Você não está feliz aqui.

— Apenas... Eu... — Ela mordeu o lábio, olhou fundo nos olhos dele e tentou encontrar as palavras que ela queria dizer a ele. — Não olhe para as mulheres.

Foi mais fácil do que ela pensou que seria.

Ele sorriu e inclinou a cabeça. — Você tem medo que me corrompa ou que me coloque em problemas?

— Não. — Ela olhou para sua mão, onde ela estava segurando. — Não é nada disso.

Apollyon deu um passo em sua direção e colocou a mão livre na sua bochecha e, em seguida, levantou seu queixo de modo que ela estava olhando em seus olhos. Havia tanta compreensão neles. Ela não queria que ele conhecesse seu medo, ela estava com medo de que ele possa deixá-la por uma das mulheres bonitas no salão, que ela poderia perdê-lo. Ela não sabia o quão realmente ela sentia por ele, mas o pensamento dele com outra mulher abriu um buraco tão fundo, até em seu coração, e ela precisava lhe perguntar. Estar aqui à fez perceber algo, embora. O que ela sentia por ele, era que ele ficasse por perto quando tudo isso acabasse.

Ela não queria que ele fosse embora.

Ela fechou os olhos quando ele a beijou, um macio, cheio de confiança e ternura. A mão dele entrelaçou a dela, segurando firme. Ela o seguiu através do salão, para as cabines que se alinhavam na parede oposta à área onde Edward estava sentado, diretamente em sua linha de visão.

Apollyon segurou a outra mão para fora e sorriu, e ela deslizou para o assento de couro escuro. Ele sentou-se ao lado dela, sua atenção total sobre ela, e ela agradeceu-lhe com um beijo.

Ela não quis dizer que fosse algo apenas que um breve encontro de lábios, mas ele a beijou de volta, sua língua traçando uma linha ao longo da junta dos seus lábios.

Ela abriu para ele, convidando a sua língua para dentro de sua boca, acariciando-a e elaborando um gemido dele. Ele aproximou dela no banco, até que estavam tocando quadris com quadris. Ele ainda não estava perto o suficiente.

Ele sorriu quando ela empurrou a mesa redonda para abrir espaço entre eles e depois sentou em seu colo, então a sua bunda repousava sobre suas coxas, seus joelhos dobrados perto de seu quadril esquerdo, e seus braços estavam ao redor do seu pescoço. Suas línguas estavam entrelaçadas e ele gemeu quando ela correu a sua levemente sobre o seu lábio inferior, o provocando. Ele deslizou suas mãos em volta da cintura dela, e ela se moveu para baixo dos seus braços, amando a sensação dos seus bíceps duros sob os seus dedos vagueando.

O clube desapareceu até que ela sentiu como se fossem os únicos do mundo, se beijando e tocando um ao outro, reacendendo as chamas de sua paixão e necessidade.

Serenity nunca se sentiu tão viva, tão cheia de desejo. Apollyon puxou-a para mais perto e empurrou a mão sobre seu estômago para os seus seios. Ele colocou uma, ganhando um gemido dela, e a beijou profundo e lento, suavemente atiçando o fogo que estava queimando dentro dela, construindo de uma forma constante em um Inferno que ela estava indo para matar.

Alguém parou perto deles e ela olhou com os olhos arregalados para a mulher com pouca roupa de cabelos escuros. Apollyon franziu a testa e balançou a mão. A mulher acenou com a cabeça e se afastou.

— O que você fez? — Serenity evitou seus beijos. Ele soltou um som escuro de frustração e tentou beijá-la novamente. Quando ela se afastou pela segunda vez, ele suspirou e recostou-se na cadeira de couro.

As luzes brilhantes do clube brilharam em seu rosto, deixando o lado direito de seu perfil na escuridão. A música era mais alta do que ela havia notado quando eles entraram e parecia haver mais gente agora, alguns dos quais estavam olhando em sua direção. Ela estava provavelmente dando a eles um show gratuito. O beijo foi o mais longo que ela deu, embora. Ela não estava disposta a se expor publicamente e nem a montar Apollyon, não importa o quanto ela queria.

— Eu a obriguei a pegar algumas bebidas.

Satisfeita com a resposta, ela o deixou beijá-la novamente e esgueirou um olhar para Edward. Um dos homens à sua mesa estava os observando. Ela fechou os olhos e se perdeu nos beijos famintos de Apollyon novamente, envolvendo os braços em volta de seu pescoço e

acariciando suas pernas. Ele gemeu e ela fez isso de novo. Ela tinha percebido anteriormente em sua varanda que ele gostava quando ela tocava em suas asas, e sempre que estava fora, no entanto, ela se via querendo acariciá-las. As penas negras eram mais suaves perto dos ombros, como a seda sob os dedos, e a cada varredura de suas mãos provocou outro gemido dele e transformou seus beijos quentes, até que ele estava devorando sua boca. Sua mão esquerda posou em seu seio, acariciando o seu mamilo através do material fino de seu vestido.

O calor agrupou no ápice de suas coxas e ela se contorceu em seu colo, passando as pernas juntas para aproveitar ao máximo da sensação de lá.

Ela desejou que eles estivessem no seu apartamento agora, em seu sofá, ou em qualquer lugar que ela pudesse levá-la para além beijando e apalpando. As mãos de Apollyon se perderam abaixo, à direita apalpando a sua bunda, e a outra subindo nas coxas dela. Ela gemeu e travou a língua dele com a dela, beijando-o com a necessidade desesperada e encorajando-o a ir tão longe quanto eles poderiam em público.

Alguém estava de pé perto deles novamente.

Ela quebrou o beijo, esperando encontrar a garçonete lá, e seus olhos se arregalaram quando ela viu Edward.

Apollyon casualmente se recostou e acariciou suas coxas em comprimentos preguiçosos, correndo a ponta dos dedos atrás e ao longo dela.

Serenity? — Edward disse com um ar de incredulidade que combinava com o choque no rosto.

— Porco? — Ela olhou para ele, parado perto deles. — Posso te ajudar com alguma coisa?

— Sim... Você poderia. — Ele agarrou seu pulso e puxou, mas Apollyon passou os braços em volta da cintura dela, segurando-a no seu colo. Edward sorriu. — Eu só quero falar.

— Falar? — Ela pegou o seu braço e esfregou o seu pulso. — É um pouco tarde para isso, você não acha?

Edward continuava olhando para ela, seu olhar de vez em quando caindo na sua coxa exposta. Ela alisou o vestido por cima de suas coxas e ficou surpresa quando Apollyon colocou-a no sofá ao lado dele.

Ele se levantou e enfrentou Edward.

Edward olhou para ele.

Serenity sentada muito quieta, com medo de se mover e quebrar qualquer batalha de vontades que acontecia entre eles. Quando não parecia que eles iriam brigar ou dizer qualquer coisa, ela se levantou.

— Não temos nada para falar, Edward. — A borda confiante em sua voz agradou. Ela pensou que iria tremer e ceder os nevos a aumentar.

Ela não tinha certeza do que fazer ou o que dizer. Aqui era a sua grande chance de olhar nos olhos de Edward e lhe dizer que é um bastardo e o que ele tinha feito a ela, e como ela queria que ele o sofresse, mas ela não conseguia encontrar a força para enfrentá-lo, nem mesmo com Apollyon em suas costas.

Edward deu um passo em direção a ela, seu olhar escuro deslocando para revelar um sorriso encantador. Ela tinha caído por aquele sorriso antes.

— Eu nunca vi você assim, Serenity... Tão apaixonada... Sensual... Apenas converse comigo. Eu fui um tolo, eu cometi um erro... Eu nunca percebi o quão tão bom você foi para mim. — Edward estendeu a mão e ela olhou para sua mão, seu coração batendo dolorosamente contra suas costas. Ela balançou a cabeça, com medo de fazer o movimento errado e confuso. — Eu quero você de volta.

Serenity olhou em seus olhos. Ele estava sendo honesto. Ela não precisa de um feitiço para ver isso. Por quê? Por que ele estava interessado nela, novamente, quando ele nem sequer olhou para trás, quando ele a abandonou e a traiu?

— Apenas fale comigo. — Edward sorriu. — Eu quero você de volta... Eu farei qualquer coisa.

Ela sentiu frio, quando sentiu Apollyon recuar um passo para trás, longe dela, como se ele achasse que ela já tinha feito a sua decisão. Ela não tinha certeza do que iria fazer. Edward tinha a traído. Ele havia quebrado o seu coração e ela queria vingança por isso, e Apollyon tinha a dado e muito mais.

Ele tinha consertado o seu coração.

Ele havia trazido o seu sorriso de volta e a fez se sentir viva novamente.

Era isso que Edward estava vendo agora? Que os sentimentos de Apollyon trouxe à vida nela, a felicidade e a paixão, que ele queria isso dela? Ela não podia dar isso a ele. Edward nunca a fez sentir o que Apollyon fez.

Serenity olhou por cima do ombro para Apollyon, em seus olhos azuis, e viu seus sentimentos neles. O mesmo olhar brilhou nos seus, o que tinha estado lá antes, quando eles estavam na cozinha e ele disse que tinha estado sozinho por muito tempo. Ele não queria estar sozinho mais.

Ele queria estar com ela.

Tudo parecia tão impossível, tão ridículo, mas ela queria estar com ele também, e ela sabia em seu coração a razão.

Ela estava caindo para ele.

Ela estava apaixonada por um anjo.

Serenity olhou para Edward e recuou, até que o corpo de Apollyon encontrou o seu novamente. Ele passou os braços fortes em torno dela por trás, ligando as suas mãos sobre seus seios, segurando-a contra ele, tão apertado que ela sentiu que não iria deixá-la. Ela não queria que ele a deixasse. Ela queria que ele a segurasse para sempre.

— Eu não te amo mais, — ela disse a Edward e balançou sua cabeça. — Eu espero que você fique péssimo como eu fiquei.

Ela fechou os olhos quando Apollyon pressionou um beijo em seu ombro nu.

Edward a amaldiçoou. Apollyon a segurou mais perto. Ela procurou o conforto seguro de seu abraço e como ele a fazia se sentir. Ela abriu os olhos e olhou para Edward, e o amaldiçoou de volta em sua cabeça e com todo o seu coração. Ela não foi corajosa o suficiente para amaldiçoá-lo corretamente, condenando-o como Apollyon fez, mas ela conseguiu trabalhar a sua maldição através de várias doenças sexualmente transmissíveis, antes que ela levasse a melhor sobre si mesma e parou.

Ela sustentou o olhar de Edward friamente. Ele olhou para ela, e depois para Apollyon.

— Você fez isso com ela, — ele cuspiu as palavras em Apollyon, seus olhos escuros com acusação. — Você a mudou.

— Eu só a fiz feliz. — Apollyon pressionou outro beijo no ombro dela. — É tudo que eu quero para ela.

Os olhos de Edward encontraram os dela novamente. — Você acha que ele te ama? Eu conheço o tipo dele, Serenity, e logo que ele estiver entediado com você, ele irá para alguém melhor.

Serenity saiu dos braços de Apollyon e foi até Edward. Ela olhou.

— Ele não é nada como você. — Ela segurou seu olhar, sem medo da escuridão em seus olhos, sentindo-se segura e forte com Apollyon tão perto dela. Edward era rancoroso para dizer tais coisas sobre Apollyon e tentar transformá-la contra ele e plantar sementes de dúvidas em sua cabeça. Apollyon nunca iria traí-la. Ele tinha visto o quanto ela estava machucada e veio para levar a dor para longe, e ao mesmo tempo a fez se sentir mais amada do que ela já foi.

Edward parecia que ia dizer alguma coisa, então ele se virou e foi embora.

Serenity se virou e entrou no abraço de Apollyon a esperando e olhou para ele.

Ele colocou as mãos em seus braços superiores e, em seguida, deslizou-as em torno dela, segurando-a perto. Ela sorriu em seus olhos. — Eu acho que o machuquei o suficiente. Vamos para casa.

Havia um olhar em Apollyon, de que ela não tinha visto. Eles estavam mais azuis do que o habitual e as manchas pálidas pareciam iluminar quando ela olhou para eles, até que seus olhos estavam quase brilhantes. A sua mandíbula estava tensa e ele olhou por cima de sua cabeça para a mesa de Edward.

— Ainda não. — Ele murmurou e moveu ao seu lado.

Ela foi para frente dele novamente. — O que você vai fazer?

— Ter a minha vingança. — Ele olhou para ela. — Não se preocupe. Eu vou resolver isso de uma forma mortal e com força mortal.

Ela ainda não gostou do som disso. Ele passou por ela, indo direto para Edward do outro lado do clube pouco iluminado. Edward levantou quando Apollyon se aproximou e Serenity correu para acompanhar seu passo, lançando-se através das garçonetes e clientes.

Antes mesmo de Edward ficar em pé, Apollyon lançou o seu punho direito para ele, atingindo a sua mandíbula com toda força, e Edward caiu no chão.

Serenity suspirou e ficou atrás de Apollyon, olhando para Edward, onde ele estava deitado no chão sujo e escuro. Seus amigos o cercaram imediatamente, empurrando Apollyon

de volta. Ele pegou a mão dela indo em direção a porta. Serenity olhou para Edward. Ele tinha sido frio. A emoção correu por ela. Apollyon tinha a vingado, como ela lhe pediu, e ele tinha feito isso da forma mais masculina que se possa imaginar. Ninguém havia socado alguém por ela antes.

A noite ainda estava quente quando saíram do clube.

Apollyon pegou a mão dela e ele entrelaçou seus dedos, segurando-a firmemente. Caminharam uma pequena distância e pararam no início da praça de Champs Elysees.

— Você quer conversar com Edward? — Ele disse em voz baixa, tão silenciosa que ela pensou que estivesse ouvindo coisas até que ele olhou para ela, direto em seus olhos.

— Não. — Ela pôde ver que isso era verdade e ela o encarou, tomando conta da outra mão, tentando dar a ele o que ele precisava. Era estranho ter que tranqüilizar um homem tão forte, mas estava a tocando também. Ela percebeu que não estava sozinha em seus sentimentos. Ambos estavam com medo e por algum motivo que a fez se sentir com menos medo, sabendo que eles estavam juntos nessa. — Eu tive o suficiente de vingança. Acabou. Eu quero ir para casa agora.

Ele olhou para seus pés, sua expressão distante. — Casa.

Serenity olhou para seus pés, também. Ela sabia que ele estava pensando e ela não queria que ele a deixasse. Ela tremeu ao ponto de pedir que ele ficasse, para permanecer com ela na Terra, assim como os outros anjos tinham feito pelas mulheres que amou. Ele provou ser fiel ao seu dever, porém, pedindo-lhe para permanecer com ela provavelmente estaria pedindo-lhe para cometer um grande sacrifício.

E se ele respondesse que não?

Ela começou quando os dedos suaves tocaram a sua bochecha, acariciando a curva de sua mandíbula.

— Eu voltarei para casa com você esta noite... Se isso for aceitável? — Ele sussurrou, e pressionou um beijo em sua testa.

Serenity fechou os olhos e balançou a cabeça. Ela recuou e seus olhos encontraram os dele. *E amanhã?* Ela não teve coragem de dizer isso. O pensamento dele a deixando, fez o seu interior se despedaçar. Como ela poderia convencê-lo a ficar se ela não conseguia encontrar a voz para dizer as palavras? Ela não era corajosa o suficiente para admitir seus sentimentos, não depois do que Edward fez com ela.

Apollyon a pegou em seus braços, embalando-a, e sorriu. — É uma noite agradável para um vôo.

Serenity olhou para o céu. Ele ainda estava claro. Era uma noite agradável para voar, mas ela se sentia como se estivesse caindo. Ela inclinou a cabeça no ombro de Apollyon, segurando seu pescoço com uma mão e seu peitoral com a outra, não querendo deixá-lo ir.

Ele estava com medo de que esta seria a última vez que ela voava com ele.

Ela tinha medo de que ele fosse embora.




**APOLLYON BATEU SUAS** asas e decolou com Serenity, carregando-a acima dos telhados das velhas construções alinhadas ao Champs Elysees. O Louvre brilhou a distância, a pirâmide dourada e as janelas da mais velha clássica construção de pedra ainda cheias de luzes calorosas.

Ele se virou com Serenity e voou na direção da Torre Eiffel num ritmo lento, aproveitando o sentimento dela em seus braços e a brisa aquecedora de verão contra seu rosto.

Ela estava quieta, aninhada em seus braços, presa aos seus pensamentos. Ele não queria perturbá-la, então ele a carregou, embalando-a mais próximo, cuidando da sua preciosa carga. Ele não estava certo do que fazer. A cidade passou abaixo dele, um riacho de luzes e barulhos, e ele manteve o foco na torre distante, considerando tudo que Serenity tinha dito. Ela o tinha aliviado de sua função, mesmo que ela não soubesse disso. Ele poderia apenas permanecer com ela por muito tempo agora. Sua posição de proteger o abismo sem fundo no inferno iria chamá-lo de volta, ele gostando ou não. Sem uma razão para permanecer na Terra, uma função para cumprir lá, ele teria que retornar.

Mesmo embora ele não quisesse voltar.

Apollyon olhou para ela com o canto do olho, desejando que ele pudesse vê-la apropriadamente e que pudesse falar com ele. O ar ficou pesado, difícil de voar através dele e ele doía por dentro. Ele queria ficar com ela.

Ela trançou seus braços em torno do pescoço dele e ele percebeu que nenhum dos dois sabia o que dizer.

Nem mesmo voando sobre a Torre Eiffel desenhou uma reação dela à noite. Ela não sorriu. Ela permaneceu com a cabeça no ombro dele, sua respiração devagar e confortável e seus dedos ainda contra seu pescoço.

Ele queria que ela sorrisse novamente.

Ele queria que as coisas fossem como eram antes de Edward falar com ela.

Apollyon voou mais alto, deixando o mundo para trás e buscando o silêncio que ele só poderia encontrar quando ele estava olhando para a Terra dos céus e mais acima.

Serenity o segurou ainda mais forte e se enrolou em seus braços.

— Eu nunca vou deixar você cair. — Ele sussurrou próximo a sua testa e a abraçou em segurança. Ele parou sua ascensão e pairou sobre Paris, suas asas amplas batendo vagarosamente, mas rápido o suficiente para mantê-lo estacionário. — Você não precisa temer, Serenity. Eu te pegaria se você caísse.

Ela se afastou dele e ele ajustou seu aperto nela, segurando-a pelos lados então ela não poderia escorregar. Seus olhos de avelã estavam arregalados, mas ele sabia que não era porque ela estava tendo vê-lo a luz baixa. Era porque ela estava surpresa que um deles havia encontrado coragem para dizer o que precisava ser dito.

— Você iria?

Ele sabia o que ela estava perguntando. Ele acenou. — Eu iria. Se você saltasse, eu iria segurar você.

Ele a segurou mais para perto, então ela estava mais segura, e olhou profundamente nos olhos dela. — Minha função está cumprida... Eu terei que retornar. Embora, eu gostaria que não fosse dessa maneira.

Ela sacudiu a cabeça. — Não. Você não pode ficar mais um pouco?

— Quanto tempo?

Ela sorriu. — Que tal para sempre?

— Isso é maravilhoso. — Ele pressionou um beijo nos lábios dela e então suspirou assim que ele se afastou dela, seus olhos encontrando os dela. — Mas não é tão fácil para eu deixar o inferno.

— Eu o pego de volta então. — Seu aperto nos ombros dele ficou mais forte. — Minha vingança não está feita.

Apollyon balançou a cabeça. — Não funciona desse jeito. O contrato está quebrado.

Paris se estendeu diante deles a mais de cem pés do chão, as luzes brilhantes e claras, tudo isso se expondo para Serenity. Ele a traria aqui toda noite se ela pedisse isso a ele. Ele faria qualquer coisa por ela. Seus olhos gradualmente se arregalaram. Ele olhou para ela.

— Chame-me.

— Apollyon? — ela disse, parecendo confusa.

— Não. Chame-me... — Seus olhos se lançaram dentro dos dela e seu pulso se acelerou. Isso poderia funcionar. Seus companheiros guerreiros tinham que ter feito algo para mudar sua obediência de Deus para algo que amam. Eles não poderiam apenas desistir. Anjos não têm aquele tipo de escolha. Sua vida era servidão, passar o resto da sua vida, vivida como seu mestre mandou. Serenity tinha o comandado para ajudá-la a ganhar sua vingança. Ela poderia comandá-lo para ser dela. — Como quando nos conhecemos na fonte. Deseje-me, ou sei lá o que você fez. Diga para eu estar com você para sempre, até você não precisar mais dos meus serviços.

Serenity fechou seus olhos e colocou as mãos no coração. Uma luz branca incandesceu lá, crescendo permanentemente com força até que deixou a mão e o rosto dela, e brilhou nele também. Mágico. Foi como ele ouviu o chamado dela. O poder dela tinha amplificado sua voz e seus sentimentos por ela tinham o feito ser o que ia iria responder.

Apollyon a observou, a ouvindo tudo, desesperado para ouvir o chamando dela de novo e responder. Estava quieto no começo, como quando tinha sido no inferno, mas ele o sentiu dentro dele, batendo no seu coração, obrigando-o a responder. Ele aceitou o chamado, respondeu a ele e os ligou pelo contrato.

— Olhe para mim. — Ele sussurrou.

A luz nas mãos dela desapareceu e piscou para fora da existência.

— Funcionou? — Havia um lindo olhar de esperança nos olhos dela. Ele sorriu ao ver o quanto ela queria aquilo e o quanto aquilo significava para ela.

Ele balançou a cabeça. — Qual o seu comando?

— Fique comigo até o fim dos tempos. — Um sorriso curvou os lábios dela e ele ficou feliz ao vê-lo.

— Eu posso fazer isso. — Ele não parou para considerar as implicações do que ele estava fazendo. Seu chefe mais velho iria encontrar mais alguém para guardar o abismo sem fundo. Havia pelo menos uns doze anjos que queriam a sua posição nesse momento. Ele estava cansado de estar no inferno. Ele queria ficar no céu com Serenity.

Apollyon a beijou, devagar e levemente, um mau encontro nos lábios que aqueceu seu coração. As mãos dela foram para o resto de seus ombros e ela o beijou de volta, seus lábios confortáveis de encontro aos dele, e então ela colocou seus braços ao redor do pescoço. Ele bateu suas asas e mergulhou com ela, voando em espiral na direção da Terra, enquanto a beijava.

Ela agarrou-se a ele de um jeito que ele nunca iria se cansar, e iria sempre adorar. E não foi o medo que a fez segurar tão forte a ele. Era amor. Estavam os dois se apaixonando. Abrindo suas asas ele os elevou novamente, sobre os telhados de Paris. Serenity olhava para a cidade e ele olhava para ela. Ela estava sorrindo de novo, seus olhos brilhando com a felicidade que ele podia sentir nela, e ele não poderia deixar de sorri também. Ele não necessitava procurar o caminho de volta para o lugar dela. Em vez disso, ele a observava usando seus instintos para guiá-lo para seu apartamento. Era muito mais fácil encontrar as coisas de cima uma vez que ele já tinha voado acima delas, ele jamais esqueceria o caminho.

Quando eles estavam próximos, ele olhou para o apartamento dela e pousou próximo ao corrimão de metal ao redor da varanda. Ele pisou nas telhas com ela e a colocou em seus pés. Com muito esforço, Apollyon dobrou suas asas, até desaparecerem em seus ombros. Serenity acariciou seus braços, olhando para seu peito, e depois em seus olhos. Havia uma nota de tristeza em seus olhos avelã.

— Será que você vai perder suas asas? — Ela disse e ele sorriu sobre como ela estava preocupada.

Quando ela o conheceu apenas dois dias atrás, ela tinha medo de suas asas e o que eles representavam. Agora ela parecia que ela queria de volta neste instante.

— Não. — Ele passou os dedos através de seu longo cabelo loiro, desfrutando a sensação sedosa dele. — Se eu fizer isso, eu não seria capaz de levá-la para voar. — Ela apertou suas mãos contra o peito dele, na ponta dos pés, e beijou-o.

— Você me faz sentir como se eu estivesse voando, quando meus pés estão firmes no chão, — ela sussurrou contra seus lábios e ele a beijou de novo, mais difícil desta vez, mexendo a paixão que queimava tão ferozmente entre eles.

— Se você está voando agora, então como você vai se sentir em um minuto? — Ele pegou-a de volta em seus braços, carregando-a para o apartamento.

Ela riu e beijou-o, sua boca quente e doce contra a dele, empurrando seu controle. Ele a queria e deitou ali mesmo na cozinha para fazer amor com ela.

— Espere. — Ela se contorceu de seus braços e puxou-o de volta para a varanda.

Ela sorriu e beijou-o novamente. Ele franziu a testa, imaginando o que ela estava fazendo, e depois levantou uma sobrancelha quando ela começou a desatar o seu sutiã.

— Aqui? — Ele lançou um olhar ao redor no pequeno balcão e depois para os dois lados. Estava escuro, com uma pequena parede sólida entre eles, mas isso não significa que alguém não ia sair e vê-los.

— Ninguém vai nos ver. — Serenity desfez a primeira das fivelas e sorriu maliciosamente para ele. — Se você não vai nos esconder, então eu posso. Ele não tinha pensado nisso. Ele poderia facilmente atrair seu glamour dos olhos mortais, enquanto ele estava concentrado. Serenity varreu as mãos através de sua clavícula no ombro do outro e ele fechou os olhos à carícia, luz sensual.

Se ele pudesse se concentrar de qualquer jeito.

Serenity estalou os dedos e um cobertor grosso acolchoado cobriu as telhas e a varanda sob seus pés. Apollyon fez velas aparecerem ao longo da linha das paredes e se reuniram em grupos nos cantos da varanda. As chamas explodiram em vida, iluminaram a escuridão com um brilho especial. Serenity olhou para todas elas e depois de volta para ele.

Ela estalou os dedos de novo e suas roupas desapareceram. dois poderiam jogar este jogo. O vestido da tinha desaparecido em um instante, logo seguido por seus sapatos altos e depois sua calcinha. Ela ofegou e se cobriu. Apollyon cobriu ambos, mascarando-os dos olhos mortais, e puxou-a rente a seu corpo nu. Ele a beijou e passou as mãos para baixo nos lados de seus quadris. A pele dela estava quente sob seus dedos e ela estremecer quando ele acariciou

sua calcinha e depois colocou suas mãos em torno de sua bunda. Ele a beijou novamente e se inclinou para ela, forçando-a a deitar-se e a encobrindo com seu corpo.

Serenity sorriu e seguiu os padrões em seu peito com a ponta dos dedos, correu para seus quadris, chamando a sua atenção lá. Roçou a ponta dos dedos passando pelas linhas do seu quadril, correu em torno de seu umbigo e em seguida, até o vale entre o seu abdômen. Seu olhar permaneceu fixo no rosto, absorvendo a maneira como ela observava seus dedos com olhos famintos. Ela abriu as mãos para fora e as varreu sobre o peito, os dentes puxando seu lábio inferior, ao mesmo tempo, e depois se inclinou sobre ele.

Apollyon fechou os olhos quando os seios nus encostaram-se no seu estômago e deslizou as mãos pelo seu lado até sua bunda. Ela passou os dedos em seus cabelos longos e escuros e trouxe os cotovelos para descansar um a cada lado de sua cabeça. Sua boca quente encontrou sua língua, deslizando entres seus lábios e ele gemeu quando ela o beijou. Era lento, doce e calmo. Quando ela beijou-o assim, ele poderia esperar para sempre. O beijo roubou sua atenção e seu coração. Ele franziu a testa quando ela se afastou, beijando seu queixo e depois seu pescoço, sobre o peito. Ela era divina e Edward estava errado sobre ele.

Ele nunca se cansaria dela. Ele nunca iria deixá-la.

Não importa como ela se sentia a respeito dele, ele sabia que estava se apaixonando por ela. Os olhos dela encontraram os dele e o mundo se afastou. Ele perdeu o controle de seus movimentos, até que ele estava apenas olhando os olhos dela e sentiu tudo o que ela estava sentindo. Isso o impressionou. Sua beleza e como era estar com ela, impressionou ele. Ele a fez feliz e aliviou o sofrimento dela, mas ela tinha feito o mesmo para ele também. Ele estava feliz novamente e não mais sozinho, e ele sabia que ela nunca iria abandoná-lo.

Ele podia sentir seu amor através de suas veias batendo e, através dele, podia sentir o carinho que ela deu para ele e que queria que isso continuasse para sempre também. Foi mais do que apenas ser íntimo com ele, mais do que apenas a luxúria. Tratava-se de ser um com ele, e partilhar o seu amor. Ele a amava. E ela o amava.

Seu coração batia com o dela, com as mãos pressionando seu estômago, ela se moveu com ele, juntando-os como um só. Ela estava linda.

As estrelas brilharam por trás dela, até que brilhou através do véu de luz da cidade, e brilharam. A noite tornou-se um belo cenário para Serenity, os olhos ainda fechado com o seu. Ele pegou suas

mãos com as palmas das mãos dela. A magia fluiu para ele, aqueceu seus dedos, e ele deixou o poder dela juntar-se com ele.

Uma estrela cadente arqueou todo o céu noturno acima dela, rapidamente seguido por outra. Ela estava fazendo a noite tão bonita como ela deve ser. Apollyon olhou profundamente em seus olhos cor de avelã. Sob seu feitiço. Para sempre e sempre. Se ela sabia ou não, ela tinha lançado um feitiço sobre ele e ele era impotente para quebrá-lo. Ele não queria de qualquer maneira. Ele queria estar sob seu comando quando eles estavam assim e na vida também. Ele queria estar lá para protegê-la, para fazê-la sorrir, dar-lhe felicidade e tudo o que o seu anjo merecia. Ela o levou até o céu e estava voando com ela.

Serenity desabou sobre ele, respiração rápida, seu coração trovejando contra o dele. Ele passou os braços em volta dela e segurou-a, e sorriu quando apareceu um cobertor e cobriu-os. Não era sua a fazer. Era a sua bruxa. Ele pressionou um beijo na testa dela, saboreando a sensação dela em seus braços e seu corpo contra o dele. Êxtase.

Serenity levantou-se, com as mãos em seus ombros, e o beijou. Ele retribuiu preguiçosamente o beijo, perdido em pensamentos dela e de seu futuro. Ele iria voar com ela todas as noites como esta, iria dormir com ela dobrada de forma segura em seus braços, e iria vigiá-la para que ela nunca estivesse sozinha. Ele estaria com ela para sempre, assim como ela tinha ordenado que ele fosse, e ele nunca iria deixá-la ir. Ele faria qualquer coisa para fazê-la sorrir, não importa quão tolo ela o faça parecer ou bobo, como seu pedido.

Pela primeira vez em séculos, ela estava feliz e ele não estava sozinho. Sua missão havia mudado no momento em que a conhecera. Ele tinha mudado e sua lealdade era para ela agora, seu novo mestre. E a criatura divina que ela era. Apollyon a beijou, e segurou-a perto dele. Tinha esperado para a chamada, para uma nova missão, por muitos séculos e, quando finalmente tinha chegado, tinha-lhe dado mais do que apenas uma tarefa a cumprir. Deram a ele Serenity. Sua bruxinha.

Sua deusa.

E ele iria adorá-la para sempre.

*Fim*

Próxima história – Her Fallen Angels

# Papyrus

## Traduções de Livros



Tradução: Control Papyrus

Revisão Inicial e Final: Control Papyrus

Formatação: Shadow Hunters

**Qui sait beaucoup ne craint rien.**

"Do muito saber vem o nada a temer."